



A^{28/3} Liahona^{março 1975}

Mensagem de Inspiração

Temos o supremo exemplo de força moral, afeto, caridade e perdão naquele que deixou o exemplo perfeito: nosso Salvador, Jesus Cristo, que nos ordena a todos que o sigamos. Durante toda a sua vida foi vítima de ofensas. Como infante recém-nascido, teve de ser levado para o Egito, a fim de que se preservasse sua vida, seguindo instrução de um anjo em sonhos. Ao final de uma existência desassossegada, manteve-se em tranqüila, controlada e divina dignidade, enquanto homens iníquos cuspiam no seu rosto o escarro pejado de germes. Que experiência nauseante! Entretanto, quanta compostura demonstrou! Quanto controle!

Empurraram-no de um lado para outro, zombaram dele e o esbofetearam, mas não proferiu palavra. Que domínio de si mesmo! Bateram-lhe na face e no corpo. Que humilhação! Quanto sofrimento! Contudo, manteve-se resoluto, sem se intimidar. Literalmente, seguiu sua própria recomendação, quando voltou a outra face, para que também pudesse ser esbofeteada e ferida.

Seus próprios discípulos o haviam abandonado e fugido, e naquela difícil posição, teve que enfrentar a ralé e os seus líderes. Ficou só, à mercê de seres brutais, criminosos, atacantes e caluniadores.

As palavras também são difíceis de suportar. As incriminações e re-crimeações, bem como a blasfêmia deles em relação às coisas, às pessoas, aos lugares e às situações sagradas para ele, devem ter sido duras de agüentar. Chamaram sua doce e inocente mãe de fornicadora,

mas ele manteve sua posição, sem vacilar. Nenhum aviltamento, nenhuma negação, nenhuma queixa. Quando testemunhas falsas e mercenárias foram pagas para mentir a seu respeito, pareceu não condená-las. Torceram suas palavras e falsearam sua significação, contudo ele se manteve calmo e imperturbável. Não havia aprendido a orar pelos “que malevolamente abusam de nós”?

Foi espancado e açoitado oficialmente. Usou uma coroa de espinhos, tortura pecaminosa. Foi zombado e escarnecido. Sofreu todas as afrontas das mãos de seu próprio povo. “Veio para o que era seu”, disse ele, “e os seus não o receberam.” (João 1:11; D&C 6:21.). Exigiram que levasse sua própria cruz, foi conduzido ao monte Calvário, pregado à cruz, e sofreu dores excruciantes. Finalmente, quando os soldados e os acusadores estavam em redor dele, olhou para os militares romanos e disse estas palavras imortais: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” (Lucas 23:34.)

(Milagre do Perdão, pp. 267, 268)

O Grande Exemplo de Jesus

por Presidente Spencer W. Kimball



Publicação mensal
d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.

NESTE NÚMERO

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
José B. Puerta, Editor da Parte Nacional

REGISTRO

Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

- | | | |
|----|---|--------------------------------|
| 2 | O Grande Exemplo de Jesus | Presidente Spencer W. Kimball |
| 4 | O Sacrifício Expiatório: Profetas Modernos Testificam | |
| 8 | "Eles nos Matarão" | Maureen Ursenbach Beecher |
| 11 | Que Significa Conhecer a Cristo | George W. Pace |
| 17 | Sociedade de Socorro | Conversa com Belle S. Spafford |
| 20 | "...Uma Criança os Conduzirá" | Élder Henry D. Taylor |
| 21 | Como Pai ou Líder de Jovens, Que Deveria Você Saber Acerca da Música Contemporânea? | Larry Bastian |
| 23 | Ligue os Pontos | |
| 24 | "Papai, O Senhor vai conversar comigo?" | Gary J. Coleman |
| 25 | Minha História sobre Jesus | |
| 29 | A Nova Bola de Futebol de Dirk | Leo D. Hall |
| 32 | Os Davis e os Golias | Presidente Spencer W. Kimball |
| 39 | Nossa Responsabilidade para com os Transgressores | Presidente N. Eldon Tanner |
| 43 | Integridade | Presidente Marion G. Romney |
| 46 | Como um Farol Sobre um Monte | Bispo H. Burke Peterson |
| 48 | Novas Presidências Designadas para a Sociedade de Socorro e Primária | |

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857

de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeuf, n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

O SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO: PROFETAS MODERNOS TESTIFICAM

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus...” (1 Pedro 3:18.) O grande fato da expiação jaz no próprio âmago do Evangelho, pregado desde Adão até o dia presente. Apresentamos aqui alguns dos ensinamentos dos profetas desta dispensação, desde Joseph Smith até Spencer W. Kimball, sobre a circunstância central do sacrifício do Salvador.

Joseph Smith

A despeito da transgressão, pela qual o homem havia interrompido sua própria comunicação imediata com o Criador, sem nenhum mediador, é evidente que o grande e glorioso plano de sua redenção tinha sido previamente providenciado; o sacrifício preparado na mente e propósito de Deus, literalmente através do Filho, por intermédio de quem o homem deveria buscar aceitação, e por meio de cujos méritos somente, como lhe foi ensinado, poderia ser redimido, uma vez que a palavra fora dita: Ao pó retornarás... O arrependimento é algo com que não se pode brincar diariamente. Transgressão e arrependimento diários não são o que agrada à vista de Deus... Não há salvação entre as duas capas da Bíblia sem um administrador legal, e Jesus foi, então, o Administrador legal...

(Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, págs. 57, 144, 311).

Brigham Young

Nossos primeiros pais transgrediram a lei que lhes fora dada no jardim; ficaram então conhecendo o bem e o mal, e isso criou o débito. Qual a natureza desse débito? O que poderá pagá-lo? Pergunto eu: Existe alguma coisa menor que um sacrifício divino, que possa pagar por ele? Não, não existe...

Uma dívida divina foi contraída pelos filhos, e o pai exige compensação. Ele declara a seus filhos sobre a terra, que permanecem em pecado e transgressão: “É impossível para vós o pagamento desta dívida; tenho preparado um sacrifício, enviarei meu Filho Unigênito para resgatar esse débito divino”. Compreendemos nós por que ele tinha que sacrificar sua vida?... a menos que Deus tivesse providenciado um Salvador para pagar essa dívida, ela jamais poderia ser resgatada. Pode toda a sabedoria do mundo imaginar meios pelos quais possamos ser redimidos e retornar à presença de nosso Pai e do irmão mais velho, e habitar com os anjos santos e os seres celestiais? Não; está além do poder e sabedoria dos habitantes da terra que atualmente vivem, ou que jamais viveram ou viverão, preparar ou criar um sacrifício que pudesse pagar esse divino débito. Mas Deus providenciou-o, e seu Filho o pagou, e nós, cada um isoladamente e todos em conjunto, podemos agora receber a verdade e ser salvos no seu reino.

— Journal of Discourses, vol. 14, págs. 71-72.

John Taylor

Lemos em 2 Néfi 9 que é necessário que a expiação seja infinita. Por que seria necessária uma expiação infinita? Pela simples razão de que um regato nunca pode subir acima de sua nascente; e o homem, tendo assumido um corpo carnal e se tornado terreno, e tendo-se desligado da associação com seu Pai, através da violação de uma lei, tornou-se sujeito à morte. Nessa condição, como a vida mortal do homem era curta, e em si e por si mesmo ele não poderia ter esperança de beneficiar-se, ou de redimir-se de sua condição decaída, ou de trazer-se a si mesmo de volta à presença de seu Pai, alguma força superior se fazia necessária para elevá-lo acima de sua posição inferior e degradada. Essa força superior foi o Filho de Deus, que não havia, como o homem, violado a lei de seu Pai, mas era ainda um com o Pai, possuindo sua glória, seu poder, sua autoridade, e seu domínio.

The Mediation and Atonement, págs. 142-43.

Wilford Woodruff

Quando os homens são chamados a se arrependem de seus pecados, o chamado se refere a seus próprios pecados individuais, e não às transgressões de Adão. Aquilo que se chama de pecado original foi expiado por intermédio da morte de Cristo, sem a interferência de qualquer ação da parte do homem; também o pecado individual do homem foi expiado pelo mesmo sacrifício, mas sob a condição de sua obediência ao plano do Evangelho da salvação, quando lhe é proclamado.

— Millennial Star, vol. 51, pág. 659.

Lorenzo Snow

Enquanto estivermos vivendo assim, poderemos olhar para diante bem ao longe, no mundo espiritual, com plena certeza de que, ao alcançarmos aquele feliz lugar, seremos coroados com os filhos e filhas de Deus, e possuiremos a riqueza e a glória de um reino Celestial.

O apóstolo Paulo, em seu tempo, ensinou os santos a terem o mesmo pensamento que Cristo Jesus, o qual, achando-se em forma de Deus, não teve como usurpação ser igual a Deus. (Fil. 2:6) O apóstolo João, sobre o mesmo tema, diz o seguinte: "...quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele." (1 João 3:2) "E qualquer que nele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também ele é puro." (1 João 3:3.)

Como o homem é, Deus já foi — o próprio infante de Belém, avançando pela meninice — depois para a adolescência e a idade adulta, e depois para a Divindade, e isso então é a marca do "prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." (Filipenses 3:14.)

Somos descendentes de Deus, gerados por ele no mundo espiritual, onde partilhamos de sua natureza, como as crianças aqui participam da semelhança com seus pais. Nossas provações e sofrimentos dão-nos experiência, e estabelecem dentro de nós princípios de divindade.

— Journal of Discourses, vol. 26, pág. 368.

Joseph F. Smith

Da morte natural, que é a do corpo, como também da primeira morte, "que é espiritual" existe redenção através da crença no nome do Filho Unigênito", juntamente com o arrependimento e a obediência às ordenanças do Evangelho, declarado pelos santos anjos, porque se a pessoa "acredita", deverá também **obedecer**.

Se os homens não se arrependem e não vierem a Cristo, através das ordenanças de seu Evangelho, não poderão ser redimidos de sua queda espiritual, mas deverão permanecer para sempre sujeitos à vontade de Satanás e à conseqüente escuridão espiritual ou morte, na qual nossos primeiros pais caíram, sujeitando toda a sua posteridade à mesma sorte, da qual ninguém pode ser redimido senão pela crença ou fé no nome do "Filho Unigênito" e obediência às leis de Deus. Cristo é o grande exemplo para toda a humanidade, e eu creio que a humanidade foi igualmente preordenada para tornar-se semelhante a ele, da mesma forma como ele foi preordenado a ser o Redentor do homem.

— Journal of Discourses, vol. 23, págs. 169-70, 172.



Heber J. Grant

Não acreditamos que a simples confissão de fé, quando a pessoa está morrendo, haja de salvá-la. Lembro-me de, quando jovem e empregado num banco, ter visto uma história em quadrinhos que ilustrava o absurdo daquela crença. Tratava-se de uma publicação da revista "Puck". Um homem de aparência extremamente perversa chegava numa sala, apunhalava outro homem e roubava algum dinheiro que ele contava. No quadro seguinte, o assassino aparecia na cadeia e um sacerdote lhe dizia: "Creia em Jesus Cristo e será salvo." O criminoso pensava: "Uma pechincha muito fácil. Eu creio." No desenho seguinte, era julgado e condenado; no outro, dirigia-se para a forca, com damas sentimentais lançando flores em seu caminho, "uma alma indo para Jesus." O quadro seguinte o apresentava pendente na ponta da corda, e no outro ascendia aos céus, escoltado por anjos. O quadro final mostrava o homem bom e benevolente, cujo dinheiro tinha sido roubado e que havia sido apunhalado, nas profundezas do inferno, sendo lançado de uma fogueira para outra e explicando que não tivera tempo de dizer que acreditava, porque tinha sido apunhalado.

"Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: primeiro, fé no Senhor Jesus Cristo" — E quando digo — "Fé no Senhor Jesus Cristo", gostaríamos de que ficasse bem compreendido que acreditamos absolutamente em Jesus Cristo, que ele é o Filho de Deus, e que veio à terra com uma missão divinamente designada de morrer como Redentor da humanidade sobre a cruz. Não acreditamos que ele tenha sido somente "um grande mestre de moral", mas que é nosso Redentor.

— Church News, 3 de setembro de 1938, pág. 7.

George Albert Smith

Somos informados de que não seremos responsabilizados pelo pecado de Adão, mas que o seremos pelos que nos são próprios. A expiação de Jesus Cristo removeu de nossos ombros a responsabilidade de expiar pelo pecado do pai Adão, e tornou-nos possível viver aqui sobre a terra e, no devido tempo, se nos aproveitarmos das oportunidades que temos, seremos preparados para ser ressuscitados dentre os mortos, quando aquele tempo chegar.

— Relatório de Conferência
Outubro de 1926, pág. 102.

David O. McKay

No Meridiano do Tempo veio o Salvador do homem, para cuja vinda o homem olhava com expectativa na manhã da vida, e para cuja vida o homem olha no entardecer em retrospecto. No meridiano da história da terra, veio o Filho do Homem declarando a eterna verdade, tão diferente das promessas terrenas, que aquele que quisesse salvar a sua vida, precisaria perdê-la.

E em sua breve permanência sobre a terra, com que perfeição exemplificou essa verdade. Não possuiu terras, nem casa, pois que não tinha onde reclinar a cabeça... (Ver Mateus 8:20.)

Sua existência foi de serviço altruístico — sempre ajudando aqueles que levavam vidas incompletas, a vivê-las plenas — seja que a vida incompleta fosse causada por defeito físico tal como cegueira ou surdez, ou por falha moral como a mulher surpreendida em pecado — sua missão foi de dar-lhes vida. Agora,... não podeis vós levar esse pensamento um pouco mais adiante, e aplicá-lo também ao sacrifício de sua existência, ao derramamento de seu sangue? A vida do homem não depende daquilo que esta terra pode fornecer; seu corpo sim, mas este é apenas a casa em que o homem vive; entretanto, o espírito, o homem verdadeiro, está acima do egoístico e do sensual, e busca para sua vida e felicidade as coisas que são eternas: fé, virtude, conhecimento, temperança, compaixão, fraternidade e caridade.

Em sua vida e morte, portanto, Cristo não somente cumpriu a lei do sacrifício, mas preencheu todas as condições concebíveis, que fossem necessárias ao conhecimento do homem, a fim de poder elevar-se e progredir da vida terrena para a eterna. "E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim." (João 12:32.)

Nisto penso perceber, embora apenas de maneira imprecisa, uma razão para o derramamento do sangue de Cristo, além daquela geralmente oferecida pela redenção do homem da queda. Confesso que esta última me moveu menos que a percepção de que, em sua vida, ele viveu para o próximo, e em sua morte triunfou sobre todos os elementos terrenos, sobre o poder da morte, o inferno e o maligno, e ergueu-se do túmulo como um ser eterno: nosso Guia, nosso Salvador, nosso Deus.
— Treasures of Life, págs. 277-78.

Joseph Fielding Smith

O plano de salvação, ou código de leis conhecido como Evangelho de Jesus Cristo, foi adotado nos céus, antes que fossem lançados os alicerces do mundo (Ver D&C 45:1.)... Era parte desse grande plano que Adão partilhasse do fruto proibido e caísse, trazendo, assim, sofrimento e morte ao mundo, embora para o bem final de seus filhos...

A queda trouxe a morte. Esta não é uma condição desejável. Não queremos ser banidos da presença de Deus. Não queremos estar para sempre sujeitos a condições mortais. Não desejamos morrer e ter nossos corpos tornados ao pó, e os espíritos que possuíram esses corpos por direito, levados aos domínios de Satanás e submetidos a ele...

A expiação de Jesus Cristo é de natureza dupla. Por causa dela todos os homens são redimidos da morte e da tumba, e serão levantados na ressurreição, para a imortalidade da alma. Novamente, então, pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho, o homem receberá remissão dos pecados individuais, por intermédio do sangue de Cristo, e será exaltado no reino de Deus, que é vida eterna.

Freqüentemente ouvimos a palavra expiação definida como "reconciliação" com Deus. Isto é apenas uma pequena parcela do todo. Na realidade, a **grande maioria do gênero humano jamais se torna um com Deus, embora receba a expiação.** "Porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem." (Mat. 7:14.) Nem todos nós nos tornamos "um" com Deus, se isso quiser significar que somos trazidos de volta e recebemos a plenitude da vida, que é prometida àqueles que guardam os mandamentos de Deus e se tornam seus filhos e filhas.

— Doctrines of Salvation, vol. 1, pág. 121-23, 125.

Harold B. Lee

Ultrapassando a compreensão do homem mortal, Deus tem colocado um supremo valor sobre a alma humana, quando diz: "Lembra-vos de que o valor das almas é grande na vista de Deus. Pois, eis que o Senhor vosso Redentor padeceu a morte na carne; portanto, sofreu a dor de todos os homens, para que todos pudessem arrepender-se e vir a ele. E ressuscitou outra vez dentre os mortos, para que pudesse trazer a si todos os homens, sob condição de arrependimento. E como se alegra ele com a alma que se arrepende!" (D&C 18:10-13.)

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira", mundo constituído de homens e mulheres, jovens e velhos, "que deu o seu Filho Unigênito" (João 3:16) para abrir o caminho pelo qual todos pudessem retornar aos seus domínios celestiais. Traça-se no céu o plano para a redenção do homem, ainda antes que a terra fosse formada, e foi conhecida até mesmo a identidade daquele que haveria de realizar a expiação, que deveria ser como um "Cordeiro... morto desde a fundação do mundo..." (Apo. 13:8.)

A única coisa que o Salvador espera de nós, em retribuição por seus sofrimentos, é que nos arrependamos de nossos pecados e guardemos seus mandamentos. Ainda que seus sofrimentos tenham sido tão intensos, que ele, o Filho de Deus, foi levado a "tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar" (D&C 19:18), mesmo assim considera que tudo isso valeu a pena, se, no fim do mundo, a humanidade pela qual morreu, puder ganhar vida eterna e tornar-se filhos seus, eternamente, através da aceitação de seu Evangelho, que é o plano de Deus para a salvação do homem.

— Youth and the Church (1945), págs. 120-21.

Spencer W. Kimball

A morte de Cristo na cruz oferece-nos isenção do castigo eterno pela maioria dos pecados. Ele tomou sobre si mesmo a punição pelos pecados de todo o mundo, com o entendimento de que os que se arrependerem e se achegarem a ele, serão perdoados de seus pecados e libertados do castigo... Quando pensamos no grande sacrifício de nosso Senhor Jesus Cristo e nos sofrimentos que suportou por nós, seríamos ingratos, se não apreciássemos isso até onde nossas forças o permitissem. Ele sofreu e morreu por nós; contudo, se não nos arrependermos, toda a sua angústia e dor por nós terá sido inútil... O perdão dos pecados é um dos mais gloriosos princípios que Deus jamais deu aos homens. Da mesma forma que o arrependimento é um princípio divino, também o perdão o é. Não fora por essa circunstância, não haveria sentido em clamar arrependimento. Mas por causa desse princípio, o convite divino é estendido a todos: Vinde, arrependei-vos de vossos pecados, e sede perdoados! (O Milagre do Perdão).



Descubra Sua Herança: “ELES NOS MATARÃO”

por Maureen Ursenbach Beecher

Mary Elizabeth Rollins tinha 15 anos, e sua irmã Caroline 13, quando as perseguições começaram em Independence, Missouri, onde viviam. O ano havia-se iniciado pacificamente, com a população crescendo à medida que novos conversos acorriam ao lugar que, imaginavam, seria sua nova Sião. A loja do tio Algernon Sidney Gilbert (Ver D&C 53) estava fazendo bons negócios, a despeito de a maioria do povo estar desprovida de meios quando chegava. Havia casas em construção, e terras sendo preparadas para formar fazendas por todo o condado de Jackson. Os santos tinham até um jornal: o irmão William W. Phelps havia estabelecido um escritório e uma oficina gráfica no segundo andar de sua casa, e o jornal **The Evening and Morning Star** vinha sendo publicado com regularidade para os santos em Missouri e em toda a Igreja. E existia

um novo motivo de entusiasmo: as revelações que Joseph Smith havia recebido, em breve seriam impressas nas oficinas do irmão Phelps e publicadas para o mundo.

Mary Elizabeth tinha ouvido sobre o novo Livro de Mandamentos, e tinha até visto algumas das grandes folhas já impressas, aguardando que o resto do manuscrito fosse preparado e impresso, para poder ser cortado em páginas e encadernado em livros. Ouvira Oliver Cowdery e alguns outros irmãos falarem das revelações escritas com tal reverência, que o quarto todo em que se encontravam parecia cheio com o Espírito, e eles falavam em línguas acerca dos escritos sagrados.

Mas isto se passava em julho de 1833, e os “moradores antigos”, entre os quais os mórmons tinham construído suas casas, tornavam-se irritados diante de seu número crescente.

Irados pelo espírito de grupo dos conversos mórmons, e intolerantes para com a sua estranha religião, os cidadãos de Missouri vinham desde o princípio do ano tentando persuadí-los a abandonar o condado de Jackson. Então, em julho, o irmão Phelps escreveu e publicou no **Star** um editorial que os moradores antigos interpretaram falsamente, e a irritação dos missourianos elevou-se a níveis altíssimos.

Mary Elizabeth e Caroline provavelmente sabiam da reunião dos cidadãos antigos, os não-mórmons,

no edifício do tribunal; pode ser que tenham até ouvido algumas acusações feitas contra os mórmons. O que logo ficariam sabendo ao certo, é que os mórmons receberiam ordem, sob ameaça de morte, de reunir suas famílias e abandonar seus lares recém-construídos. Os líderes mórmons, entre os quais o irmão Phelps e o tio Algernon Gilbert, foram chamados à reunião, e o ultimato lhes foi apresentado. Pediram três meses para conferenciar com o profeta Joseph Smith, que então estava em Kirtland, e para os preparativos. Sua solicitação foi rejeitada. Pleitearam dez dias. Não lhes foram concedidos. Quinze minutos foi tudo o que lhes deram, mas antes que se passasse aquele prazo, a turba já havia abandonado a reunião e convergido para a oficina gráfica do irmão Phelps.

A irmã Phelps estava sozinha com as crianças, quando a turba ameaçadora cercou a casa. Agarrando o bebê doente nos braços, saiu correndo de casa, com as outras crianças, buscando refúgio no bosque próximo. Escondidas no canto de uma cerca vizinha, Mary Elizabeth e Caroline observaram com horror, quando os homens irados invadiram a casa, lançando os bens da família na rua. No segundo andar, encontraram a valiosa oficina gráfica com seus jogos de tipos. Isso, acima de tudo, era o que queriam destruir, e pressurosamente arrojaram as máquinas à rua, lá embaixo, esparra-



mando os tipos pelo chão.

Depois, dizendo em ar de zombaria: "Isto é para os mandamentos mórmoms!", um deles amontoou as grandes folhas de páginas impressas sobre a pilha de detritos na rua. Mary Elizabeth decidiu tentar salvar as revelações. "Eles nos matarão!" preveniu Caroline, mas cedeu, quando viu a irmã tão decidida.

Os componentes da turba tinham virado as costas para a rua e estavam investigando o telhado nos fundos da casa. As moças correram de seu esconderijo, encheram os braços com as grandes folhas, e estavam começando a voltar, quando alguém da turba as viu e gritou: "Parem!" Mas as irmãs correram tudo o que o medo e as pernas permitiram. Dois homens partiram no seu encalço. Esgueirando-se por um buraco da cerca, acharam-se num milharal, ocultas de seus perseguidores por densas fileiras de pés de milho com metro e meio a metro e oitenta de altura. Os homens as procuravam, mas as jovens colocaram as preciosas folhas no chão e as cobriram com o corpo, mantendo-se imóveis. Os passos chegaram perto, mas os altos talos esconderam-nas.

O ruído dos homens eventualmente diminuiu, e Mary Elizabeth e Caroline sentiram-se seguras para levantar-se do chão frio. Juntando as folhas novamente nos braços, tentaram sair do milharal. Mas qual a direção a tomar? O milho estava tão alto, que nada podiam ver, nem eram

capazes de lembrar o caminho por onde tinham entrado. Se saíssem em qualquer direção, poderiam cair diretamente nos braços da turba. Atemorizadas, pararam por um momento. Acima dos pés de milho, puderam avistar as copas de algumas árvores, pelas quais Mary Elizabeth pôde orientar-se e saber o caminho que tomariam para evitar a turba.

Logo alcançaram um velho estábulo feito de troncos e parecendo desocupado e em ruínas. Sobressaltadas por um ruído, aproximaram-se cautelosamente, e encontraram a irmã Phelps e os filhos mais velhos juntando ramos para fazer camas, a fim de passarem a noite. Aliviadas por encontrarem almas amigas, as jovens entregaram à irmã Phelps as folhas que haviam resgatado com tanto risco. O irmão Phelps saberia o que fazer com elas, quando viesse.

Contudo, sentiram-se entristecidas também, porque especialmente Mary Elizabeth estava ansiosa por ler as revelações que havia salvado, e ficou sentida por não ter podido conservar nem ao menos uma página. Não teve, porém, de esperar muito, porque as suas páginas e outras mais, finalmente, foram reunidas, e Oliver Cowdery cortou e encadernou exemplares do livro, incompleto como estava, e deu-lhe um. Dois anos mais tarde, as revelações no pequeno Livro de Mandamentos foram reeditadas, juntamente com o restante dos trabalhos que deviam ser incluídos como o livro de Dou-

trina e Convênios. Os escritos sagrados não se perderam, e a coragem de uma juvenzinha adiciona uma nova dimensão ao significado deles.

Nota:

O material para esta história foi tirado principalmente das seguintes fontes: Mary E. Lightner, *Autobiografia*, fotocópia do original datilografado, Arquivos da Biblioteca da Igreja, Departamento Histórico, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Cidade do Lago Salgado, Utah; B. H. Roberts, *The Missouri Persecutions* (Cidade do Lago Salgado, Utah, 1900), págs. 82-94; Peter Crawley, "A Bibliography of The Church of Jesus Christ of Latter Day Saints in New York, Ohio and Missouri," *BYU Studies* 12 (1972): 480-486.

Cuidadosamente preservado na caverna do Departamento Histórico da Igreja, existe um pequeno volume, insuficiente para cobrir a palma da mão. Começa apropriadamente com uma página título, anunciando: "Um Livro de Mandamentos, para o Governo da Igreja de Cristo." Mas termina abruptamente na página 160, como se houvesse mais alguma coisa a ser acrescentada. Até mesmo esta parcela do livro, predecessor de nosso atual Doutrina e Convênios, poderia nunca ter sido preservada, se não fosse a coragem da jovem Mary Elizabeth Rollins e sua irmã Caroline. Esse exemplar leva o nome de Wilford Woodruff, e foi por ele presenteado ao Escritório do Historiador, a 19 de julho de 1854.



QUE SIGNIFICA CONHECER A CRISTO

por George W. Pace

Quando eu tinha 19 anos tornei-me cativo do Livro de Mórmon. Enfie um exemplar no bolso traseiro, e lia-o toda vez que tinha oportunidade.

O simples pensamento de escrever sobre o que significa conhecer a Cristo é atemorizante. Na realidade, estaria fora de cogitação, se eu não soubesse que ele vive, que é um Deus de poder infinito, e que pode transformar nossas vidas de um modo maravilhoso.

A Igreja, com todos os seus programas, tem formas maravilhosas de estender a mão de maneira positiva para nos influenciar no sentido do bem. Dou profundo valor às experiências e ao treinamento preparatório que tive e que me permitiram saber que um dos propósitos da Igreja, um dos objetivos de todas as suas ordenanças e princípios, é habilitar-nos, a você e a mim, a sermos apresentados a Jesus Cristo e a nos relacionarmos com ele de uma forma profunda.

Embora ativo na Igreja, não me dedicava às coisas do Espírito com nenhuma intensidade pessoal, enquanto estava na fase de crescimento. A despeito disso, adquiri o sentimento de que a Igreja deveria ser certa e como desejava que isso fosse verdade! Mas não sabia realmente, na forma como gostaria de saber, que ela era verdadeira.

Quando cheguei aos 19 anos, senti-me cativado pelo desejo de ler o Livro de Mórmon e obter um testemunho firme de sua veracidade. Naquele verão, enfiei um exemplar no bolso traseiro e, enquanto esperava a hora em que devia mudar o curso da água nas valas de irrigação, e em todas as outras ocasiões em que achava oportunidade, lia-o atentamente. Minhas orações mudaram em intensidade, e achei-me rogando todos os dias, algumas vezes à luz do sol, para que pudesse receber um testemunho revelado do livro.

Após uns poucos dias de leitura intensiva, achei-me em um mundo novo. Comecei a sentir-me muito interes-

sado pelas coisas do espírito; emoções começaram a vir a meu coração, levando-me a sentir que havia um grande motivo para a vida, que havia uma obra para nos prepararmos a realizar.

Lembro-me de um dia particularmente especial em que a calma certeza das verdades que vinha estudando pulsava através de meu corpo. Eu estava sentado numa pequena ponte que existia sobre um canal de irrigação, balançando as botas de borracha dentro d'água para refrescar. Quando ergui os olhos, senti intimamente o espírito das palavras que havia estado lendo. O Espírito estava-me testemunhando que aquilo que os profetas tinham escrito, e que eu estava lendo, era verdadeiro. Senti no mais profundo do meu ser que Néfi tinha realmente visto o Senhor e conversado com ele, que havia provado a bondade e o amor divinos, e soube que sua vida havia sido transformada sob a influência do Salvador. A verdadeira alegria, entretanto, consistia em sentir, queimando em meu corpo, a certeza de que também eu podia conhecer o Senhor, de que eu também poderia compreender as grandes verdades do Evangelho, e podia ser espiritualmente fortalecido pelo poder do Salvador, como Néfi tinha sido.

Que pensamento eletrizante! Perceber que podemos receber do Espírito a maravilhosa certeza que outros alcançaram, e conhecer o Mestre! Mas, certamente, de maior efeito transformador para a alma é a descoberta de que você e eu podemos conhecê-lo de uma forma pessoal e poderosa.

Alguns meses mais tarde, eu estava na Casa da Missão, onde tivemos o privilégio de ouvir muitos servos escolhidos do Senhor. Um deles em particular, falou diretamente a respeito de seu entendimento e sentimentos acerca do Senhor. Fez com que a Expição adquirisse vida para mim. Naquele dia, novamente senti o Espírito entrar em meu coração como fogo, testificando-me que também eu poderia conhecer o Senhor. Renovei minha decisão de buscar aquele cobiçado relacionamento.

Num dia primaveril, em meu primeiro ano de casado, voltei do campo para ouvir uma transmissão radio-

fônica da sessão da manhã de sábado da conferência geral. Nossa sala da frente era apertada, e tive de esgueirar-me ao lado da tábua de passar roupa para me sentar e ouvir junto com minha esposa. O presidente J. Reuben Clark Jr. estava falando. Quando prestou testemunho do Salvador, mais uma vez senti a poderosa certeza de que o presidente Clark sabia, de forma total e pessoal, quem era o Salvador.

Essas experiências são, em certo sentido, postes de sinalização de uma outra coisa muito importante que eu estava aprendendo: o grande conceito de que o Sacerdócio, as ordenanças, e os princípios do Evangelho poderiam ser muito mais significativos para mim, à medida que eu me tornasse capaz de ver como eles eram exibidos, incorporados e simbolizados em uma pessoa viva: nosso Redentor.

Creio podermos dizer que um dos mais importantes propósitos do Sacerdócio, do Evangelho e da Igreja, é apresentar-nos ao Salvador. Para termos uma fé poderosa em Cristo, precisamos saber quem ele é, e desenvolver um relacionamento direto com ele. Se formos capazes de olhar para nossas atividades na Igreja, nosso estudo das Escrituras, e nossas orações, através do desejo de o conhecermos e estabelecermos relações com ele de modo significativo, então estaremos em melhor posição para receber a diretriz diária do Senhor.

Como Igreja e como povo, uma de nossas missões é a de sermos uma luz para o mundo. O que significa isso especificamente? O próprio Salvador deu o significado: "Portanto, levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo. Eis que eu sou a luz que levantareis..." (3 Néfi 18:24.) Que maravilhoso desafio, assegurarmos de que os reflexos que vêm de nosso programa da juventude, nosso esplêndido programa de bem-estar, nosso trabalho nos templos e nossos esforços missionários estão focalizados em nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Se enfrentarmos esse desafio, então poderemos realmente ajustar nossos programas, para produzir homens e mulheres à sua imagem.

Não foi isso que Paulo quis dizer, quando declarou: "Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado"? (1 Cor. 2:2.) As palavras de Joseph Smith quanto à centralidade de Cristo têm-me tocado sempre, especialmente naquele magnífico testemunho em que disse: "E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus..." (D&C 76:22-23.)

Emociono-me com o testemunho dos profetas, centralizado no Salvador; ouço em suas palavras um desafio a cada um de nós, para que cheguemos a conhecê-lo

tão bem, que em nossos ensinamentos, administrações, e no viver do Evangelho, outros despertem para o desejo de se dedicarem de todo o coração, em virtude da mensagem distinta e poderosa de Cristo que vêem e ouvem através de nós.

Brigham Young expressou um belo convite para conhecermos o Salvador nas seguintes palavras:

"...a maior e mais importante das exigências de nosso Pai nos Céus e de seu Filho Jesus Cristo... é crermos em Jesus Cristo, confessá-lo, buscá-lo, apegarmo-nos a ele, fazermos amizade com ele. Siga um rumo certo para abrir comunicação com seu Irmão Mais Velho, ou cabeça da fila: nosso Salvador." (Journal of Discourses, vol. 8, pág. 339.)

A Igreja é, pois, uma instituição divina para nos orientar a ele; ela realmente pode ajudar-nos a desenvolver um relacionamento íntimo e pessoal com o Salvador. Não é suficiente termos um testemunho da existência dele. Precisamos conhecê-lo. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.)

Gostaria de compartilhar convosco seis pontos que acredito sejam vitais para virmos a conhecer o Salvador.

Primeiro: Conhecer ao Senhor é saber que ele é literalmente o Filho de Deus. Muitas pessoas têm manifestado pouco desejo de aceitar a verdade de que Jesus Cristo é, como dizem as Escrituras: o unigênito Filho de Deus na carne.

"...devemos chegar ao fato simples de que o Deus Onipotente foi o Pai de seu Filho, Jesus Cristo. Maria, a jovem virgem, que nunca havia conhecido homem mortal, foi sua mãe. Deus, por meio dela, gerou seu Filho, Jesus Cristo, e ele nasceu no mundo com o poder e a inteligência semelhantes aos de seu Pai." (Joseph F. Smith, Messages of the First Presidency, vol. 4, págs. 29-30.) Deus, o Pai Eterno, é literalmente o pai de Jesus Cristo.

Quando eu servia como diretor de instituto num **campus** universitário, tive uma interessante experiência que ilustra quão importante é aceitar Cristo como Filho literal de Deus. Sei que existem muitos líderes maravilhosos no mundo cristão que aceitam o Salvador como Filho de Deus e que genuinamente vivem pelas verdades que possuem, mas sei igualmente que há alguns que negam que ele seja o literal Filho de Deus.

Um ministro de grande renome foi convidado como orador especial para uma Semana de Ênfase Religiosa no **campus**. Suas palestras foram excelentes, evidenciando conhecimento das Escrituras e aparentando apreciação pelo Salvador. Após seu último sermão, os interessados em participar num debate de "discordância", no qual seria dada oportunidade para manifestarem oposi-

ção à ênfase que durara a semana toda, reuniram-se em grande número. Diversos ministros locais e eu, juntamente com o orador visitante, compusemos um painel para defender o Cristianismo.

Quando desci as escadas e vi os que representavam o grupo dissidente e ouvi o vozerio filtrando-se através de uma nuvem de fumaça de cigarros, pensei: "George, você vai ter uma noite de emoções hoje!" Assim que a sessão começou, percebi que os membros do painel não estavam realmente interessados em defender o Cristianismo, e sim em demonstrar seu treinamento em crítica bíblica, e na defesa do "Evangelho social" (A parte do Evangelho que ensina como devemos agir para com os outros.) Na realidade, muitos do painel mostravam-se quase tão críticos do Cristianismo, e particularmente da idéia de que Jesus era o literal Filho de Deus, quanto aqueles que os estavam atacando. Lá permanecia eu sentado, um tanto atemorizado, operando, pelo que suponho, baseado na máxima de que: "Uma boca fechada não provoca críticas."

Finalmente, entretanto, como as coisas se deteriorassem tão terrivelmente, levantei-me, tomei um microfone em cada mão, e por 10 ou 15 minutos partilhei com o auditório meus sentimentos a respeito do Senhor. Disse que há verdades absolutas; é importante para os homens e as mulheres serem moralmente limpos. É importante reconhecer que há um Deus perante o qual somos responsáveis. Prestei-lhes testemunho de que sei que Jesus Cristo vive, que é o literal Filho de Deus, que está para voltar, e que teríamos que prestar-lhe contas de nossa vida.

Foi uma bela experiência. Nunca antes em minha vida tinha eu sentido maior efusão do espírito do Senhor. Era um grupo tremendo para se prestar um testemunho daqueles. Falei-lhes da apostasia, de que o Cristianismo de que falavam não era aquele que Cristo colocara na terra. O Espírito era tão forte e as palavras vinham com tal ousadia, que eu quase podia sentir o cheiro de uma fumaça do tipo "Abinadi" subindo do chão. Concluí, prestando testemunho de que Deus vive, e de que Jesus é o Cristo, o literal Filho de Deus.

Quando terminei, houve uma explosão de aplausos incontroláveis. Mal podia acreditar naquilo! Por duas horas, aquele grupo de pessoas tinha criticado o Cristianismo impiedosamente; agora, por seu aplauso, pareciam dizer: "Graças a Deus, alguém sabe que ele vive!"

Poucos minutos depois de haver eu prestado meu testemunho, acentuando a natureza divina do Salvador, um estudante perguntou ao nosso convidado: "O senhor acredita que Jesus Cristo é divino?"

O silêncio baixou sobre o grupo todo. Aquele personagem famoso, depois de uns momentos de reflexão,

ergueu o rosto com um meio-sorriso nos lábios e disse: "Prefiro não crer que Jesus Cristo seja divino, porque, se o fizesse, isso daria a ele vantagem sobre mim!" E prosseguiu: "Quem sabe se, nos próximos vinte anos, outro homem não virá, vivendo uma vida melhor do que Cristo viveu, e eu o reverenciarei como meu redentor."

Não espanta que o Cristo ressurreto tenha declarado a Joseph que as igrejas do mundo "se chegam a mim com os seus lábios, porém, seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrina os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o meu poder." (Joseph Smith 2:19.)

Segundo: **Conhecer ao Senhor é saber que podemos orar através dele e conversar em oração, como uma pessoa conversa com outra.** Em preparação para um compromisso especial de discurso, orei para saber o que realmente significa conhecer ao Senhor. A idéia que me veio à mente teve profundo impacto sobre mim. Era uma pergunta: Quem você conhece realmente na vida terrena?

Pensando nisso, concluí que conhecia meu pai bastante bem, de modo que comecei a pensar nas experiências que me haviam permitido conhecer realmente a meu pai. Enquanto refletia, recordei-me de como, em minha vida de rapaz crescido na fazenda, havia passado muitas horas em conversa com meu pai. Embora muitas das coisas a respeito das quais queria conversar fossem infantis e triviais, papai sempre ouvia cuidadosamente e encorajava-me a falar-lhe. Com o correr dos anos, nossas conversas tornaram-se mais profundas e significativas. Era uma grande alegria cotidiana conversar com ele, e eu nunca tinha pressa de terminar a conversa. Na realidade, chegava a mudar meu itinerário para ter o privilégio de falar com ele, mesmo que fosse por uns poucos minutos.

Depois de uma convenção do instituto em Provo, dirigi-me a Idaho e passei dois dias em visita a meus pais. Quando estava para voltar, saí para o curral com meu pai e lá expressei-lhe algumas preocupações minhas. Ele então compartilhou comigo uma bela experiência espiritual que muito me confortou. Depois de abraçá-lo, entrei no carro e rumei para o Colorado. Enquanto dirigia, comecei a considerar que, pelo menos no que se referia ao nosso relacionamento, a razão pela qual papai pudera compartilhar comigo aquela experiência sagrada e especial, tinha sido porque havíamos, através dos anos, construído um alicerce nas muitas horas longas de profunda conversação íntima.

Uma semana depois, enquanto dirigia sozinho para uma distante cidade em Wyoming, elevei a voz em prece a meu Pai Celestial. Não se passaram muitos minutos e, sob a influência do Espírito, revivi, pode-se dizer, muitas

experiências lindas que tinha tido com meu pai terreno. Senti o seu amor, e sua presença parecia-me próxima e real. Chorei de alegria quando reconheci quão precioso vinha sendo nosso relacionamento.

Na manhã seguinte, quando me preparava para o desjejum na casa de bondosos irmãos, o telefone tocou, e recebi a notícia de que, durante a noite, meu pai havia passado desta vida. Refletindo sobre o que aconteceu na noite anterior, percebi que muitas experiências e conversas preciosas tinham feito desenvolver um grande laço de amor entre mim e meu pai. Pensando nisso, pude ver que o mesmo princípio era verdadeiro, relativamente à edificação de um relacionamento com o Senhor: Quanto mais rogamos através dele em oração, tanto mais o trazemos para nossas vidas, juntamente com os princípios do Evangelho, e tanto mais íntimo é nosso relacionamento com ele. Foi como sentir que o relacionamento que temos com nosso pai terreno é um símbolo do tipo de relações que também podemos ter com o Senhor.

Terceiro: **Conhecer ao Senhor é saber, numa forma pessoal, que ele sofreu por nós.** Vocês já imaginaram por que os profetas falam tão freqüentemente de um coração quebrantado e um espírito contrito? Néfi testificou que o sacrifício do Salvador foi para responder aos fins da lei (satisfazer a justiça) somente por aqueles que são “quebrantados de coração e contritos de espírito...” (2 Néfi 2:7.) Como é que alguém se torna “quebrantado de coração” por seus pecados? Poderia ser por tornar-se consciente do que fez o Salvador para libertar a cada um de nós de seus pecados?

Quando dizemos que o primeiro princípio é “fé no Senhor Jesus Cristo”, certamente uma das facetas que requerem fé vigorosa é seu sacrifício expiatório. (Ver D&C 76:41.) O verdadeiro alcance de nossa posição como membros da Igreja surge principalmente quando nós, através do poder do Espírito, nos tornamos cômicos do que aconteceu em Getsêmani e no Gólgota, ao sentirmos a agonia e o sofrimento do Salvador, quando padeceu por nós. Não faria esta experiência com que nossos corações se quebrantassem ante nossas falhas e pecados, e sentíssemos de forma esmagadora seu grande amor por nós?

A expiação de Cristo é o acontecimento no qual se centraliza a história de nosso mundo mortal. Nenhuma outra coisa cria a possibilidade de nos arrependermos de nossos pecados, de adquirirmos o poder da devoção e de nos entregarmos totalmente a edificar Sião, como o entendimento da majestade daquela grande ocorrência.

Durante certo período de minha vida, jejeuei, orei e estudei muito para tentar apreciar e compreender a Expição, e o que significa ter um coração quebrantado e

um espírito contrito. Mais e mais fui vendo e sentindo as implicações pessoais daquele grande evento. Alma e o povo de sua época atestam quanto a um relacionamento pessoal com o Salvador. Senti-o nas experiências de Melvin J. Ballard com os sonhos que teve (Bryant S. Hinckley, Melvin J. Ballard **Crusader for Righteousness**, Bookcraft, 1966, p. 66), na visão que Orson F. Whitney teve do Salvador no jardim de Getsêmani (Bryant S. Hinckley, **The Faith of Our Pioneer Fathers**, Deseret Book Company, 1965, págs. 212-13) e depois na declaração do presidente Harold B. Lee:

“Foi uma semana após a conferência, quando eu me estava preparando para uma palestra no rádio sobre a vida do Salvador, e relia a história da vida, crucifixão, e ressurreição do Mestre, que me sobreveio, enquanto lia, a realidade daquela história. Mais do que simplesmente o que se encontrava na página escrita, em verdade, achei-me presenciando as cenas com tanta certeza, como se tivesse estado lá em pessoa. Eu sei que essas coisas vêm pelas revelações do Deus vivo.” (Harold B. Lee, “Divine Revelation”, **Speeches of the Year**, BYU, 15 de outubro de 1952, p. 10.)

Retrate, portanto, em sua mente, o seguinte tipo de experiências imaginárias. Enquanto você estuda e pesquisa as Escrituras com todo o coração, descobre que pode ser que não esteja tão isento de pecados quanto gostaria de estar, ou deveria estar. Percebe que, provavelmente, a razão pela qual não está recebendo mais revelação e felicidade em sua vida ou no cumprimento de sua mordomia, é porque não está desfrutando de suficiente poder do Espírito Santo.



Assim como aconteceu com Enos, você sente fome e sede como nunca antes, de uma completa remissão de seus pecados. Sim, é verdade que você foi batizado, mas está ciente de que, ter tido as mãos impostas sobre sua cabeça e a palavra de promessa falada sobre si, pode não ser o mesmo que ser batizado pelo Espírito. Consistentemente você se dirige ao Senhor em humilde prece e lhe roga que possa receber a remissão de seus pecados.

Permita-me partilhar com você uma forma de imaginar a Expição, que pode torná-la mais real em sua vida. Suponha que você devesse fazer uma revisão de sua vida, juntamente com o Salvador, sobre as ocasiões em que quebrou os mandamentos. Como se sentiria? O simples pensamento incomoda-me sobremaneira, de tanto que me envergonho de meus pecados. Imagine quanto aquela culpa seria avivada pela presença do Salvador, quão penoso seria saber que o Senhor realmente viu todas as suas fraquezas e sua desobediência proposital. Que experiência confrangedora! Particularmente quando você percebe que não há jeito de fazer compensações por seus pecados.

Então, talvez, seu pensamento recue para a narrativa sobre o Senhor em Getsêmani, e de como ficou tão sobrecarregado de tristeza e agonia do sofrimento, que gotas de sangue lhe brotaram dos poros. Você toma consciência de que parte desse sofrimento foi para pagar pelos seus pecados.

Quando eu contemplo isso, depois do arrependimento, alguma coisa acontece. Sinto um novo tipo de alegria e paz. Sinto-me purificado, transformado. Sinto-me dotado de uma nova natureza completa. (Ver Alma 36:20-21.) Reconheço que essa mudança é o resultado de seu magnificante afeto e a disposição de assumir a dor e o sofrimento causados por minha desobediência. (Ver Mosiah 5:2.) E quanto me regozijo por aquela bênção imensurável!

Quarto: Conhecer ao Senhor é saber que podemos tornar-nos tal como ele. Esta é, provavelmente, a mensagem mais fundamental do Evangelho: que a missão de Jesus Cristo pode colocar homens e mulheres numa posição em que podem ser nascidos de novo e tornar-se seus filhos e filhas.

Quanto mais estudo o Evangelho, tanto mais me torno convencido de que a circunstância de ser nascido de novo é um processo de receber a natureza divina de Cristo em nosso ser. (Ver 2 Pedro 1:4.) É um processo de ter suas qualidades e características infundidas em nós por meio do Espírito Santo, de sorte que, gradualmente, à medida que o Espírito Santo se torna mais e mais intenso em nossas vidas, nós nos tornamos mais e mais semelhantes a Cristo. Somos refeitos à sua

imagem, e temos seu semblante gravado em nosso ser. (Ver Alma 5:14.) Temos um coração novo, uma nova capacidade de amar, uma nova bondade e paciência, um novo senso do valor de cada pessoa com quem nos pomos em contato.

Precisamos tomar ciência de que, a despeito de nossas fraquezas, nossas idiossincrasias, e talvez até de nosso infortunado passado, uma das mensagens do Evangelho é que você e eu poderemos ser transformados, total e completamente transformados! É alarmante que um grande número de pessoas esteja convencida de que a natureza humana só pode ser mudada por expedientes humanísticos, se é que pode ser mudada de alguma forma. O poder de nos tornarmos semelhantes a Cristo está à nossa disposição, ao recebermos uma fé viva e dinâmica nele. Conhecer ao Senhor, portanto, é saber que podemos tornar-nos semelhante a ele.

Quinto: Conhecer ao Senhor é saber que, através dele, todos os problemas da vida podem ser resolvidos. Em seu vigoroso testemunho, Néfi disse: "... Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7.)

Viver o Evangelho em nossa geração é um grande desafio. Estamos vivendo numa época em que a sabedoria humana saturou tão completamente nossas vidas, que muitos se recusam a crer que, por intermédio do Evangelho, seja possível realizar o que, de outro modo, seria impossível. O Senhor nos pedirá que façamos coisas que **são** impossíveis de realizar senão por intermédio dele! Entretanto, para o dizermos com simplicidade, esse é o propósito de nossa experiência aqui na terra: verificar se, quando o Senhor nos pede que façamos coisas aparentemente impossíveis, poremos nossa confiança nele de modo tão integral, que realizaremos o que requer de nós. Na ocasião em que obruirmos tais coisas por intermédio dele, saberemos quem ele é, e que é um Deus de grande poder. Aprendemos que, seja por meios bastante comuns, ou por intermédio de milagres, o Senhor nos ajudará a realizar sua obra, se confiarmos nele. Todos nós temos tido respostas às nossas orações. Temos nosso próprio testemunho de sua bondade para conosco em nosso viver diário. Não preciso falar-lhes a respeito do meu, porque vocês podem pensar nos seus próprios.

Sexto: Conhecer ao Senhor é saber que ele nos ama como um pai amoroso. A maior realidade de minha vida é saber que Jesus Cristo nos ama como um pai amoroso, e está ansioso por manter conosco relações correspondentes. Através de todas as Escrituras, fala de seu relacionamento conosco numa forma pessoal e cáli-

da. No Monte das Oliveiras, disse: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha junta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!" (Mat. 23:37.) Creio que ele está dizendo que gostaria de colocar os braços ao nosso redor, confortar-nos e fortalecer-nos. Gostaria de chegar aos nossos corações, expulsar a ansiedade, dor e preocupação, e instilar neles grande paz, alegria, e a percepção de que somos infinitamente preciosos a seus olhos.

Sou grato por ter tido esse tipo de relacionamento com meu pai terreno; muitas vezes, quando eu era garoto, ele me pegava nos braços e me apertava. Com o passar dos anos, sempre achei grandemente confortador e tranquilizante que, quando retornava ao lar depois de um tempo de ausência, nós nos atirávamos aos braços um do outro e nos abraçávamos. Embora inúmeras vezes não pudéssemos dizer coisa alguma, havia naquela experiência um estreitamento de nosso mútuo amor.

Tenho descoberto, em minhas relações com minha esposa e filhos, que não há nada mais importante do que, regularmente, todos os dias, fazer-lhes saber quão preciosos são para mim.

Certa manhã, antes da Escola Dominical, houve um pequeno conflito de personalidades entre nossos filhos, e estávamos esperando no carro por nossa filha de 14 anos de idade. Quando perguntei: "Onde está ela?" os outros responderam: "Tivemos uma pequena discussão e ela ficou ressentida. Está em casa."

Nós estávamos todos prontos para sair, mas desci do carro e entrei em casa. Minha filha, sendo muito sensível, estava bastante magoada. A coisa mais significativa que pude fazer por ela foi colocar os braços ao seu redor e simplesmente mantê-la apertada, fazê-la saber quanto a apreciava, e garantir-lhe que tudo estaria bem.

O amor de um pai é uma força vital. O presidente Harold B. Lee disse: "Se o amor de um pai por seus filhos é forte, e desde sua infância ele tem feito com que sintam o calor de sua afeição, acredito que tal camaradagem amadurecerá com a idade e os conservará próximos, quando uma crise na vida do rapaz exigir a mão firme de um pai que o compreende." (*Church News*, 17 de julho de 1971, p. 2.)

Outro dia, uma jovem apareceu em meu escritório. Estava bem vestida, elegante, e tinha boa aparência, mas faltava-lhe auto-estima. Foi fácil perceber que se achava muito só e infeliz. Quando entrou no escritório, notou os grandes retratos de meus filhos nas paredes da sala, e perguntou: "Irmão Pace, esses são seus filhos?"

"São, sim," disse eu.

"O senhor os ama?"

"Que dúvida! Claro que sim."

Então ela retrucou: "Irmão Pace, seus filhos sabem que o senhor os ama?"

"Sim, creio que sabem. Eu coloco meus braços ao redor deles diariamente, e lhes digo quão preciosos são para mim."

E ela então disse: "Irmão Pace, o senhor sabe o que significaria para mim, se alguém pusesse seus braços ao meu redor, e me dissesse que realmente me ama? O senhor sabe o significado que isso teria?" Cortava o coração ver uma pessoa sofrendo tanto por falta de amor expressado.

Fi-la sentar-se e disse: "Minha jovem, quero que você saiba que o Salvador a ama com um amor infinito. Sabe como sei disso? Por causa do que ele disse acerca de todos nós, do que fez por nós, e porque sinto um amor tão profundo por você, e sei que o amor vem dele!"

Um dos maiores dons do Espírito, próximo da vida eterna, é a caridade, o puro amor de Cristo. Conhecer ao Senhor é saber que ele nos ama a todos com um amor infinito. Desfrutar daquele amor é amar aos demais como ele os ama. Brigham Young disse em certa ocasião: "A menor, a mais inferior pessoa atualmente existente na terra... vale mundos." (*Journal of Discourses*, vol. 9, p. 124.)

Como eu penso, conhecer ao Senhor é sentir a preciosidade de nossa vida e da vida de todos os demais, e fazer tudo a nosso alcance para trazer as pessoas ao Pai por intermédio de seu amado Filho.

Sou grato pela Igreja restaurada, por seus divinos princípios e ordenanças, e pelo poder existente para vencer a natureza decaída do homem e alcançar a semelhança do Salvador. Sou grato pelos profetas, passados e presentes, que tão eloqüente e poderosamente testificaram de Cristo, por intermédio dos quais pudemos chegar a saber o que significa a declaração do Salvador: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.)

O elo de ligação entre nós e nosso Pai Celestial, é Jesus Cristo. O Pai nos selará para sermos dele, se viermos a conhecer ao Senhor e dar-lhe nossas vidas.

"Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir,

Nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." (Rom. 8:38-39.)

"E a vida eterna é esta: que te conheçam..." (João 17:3)

Atingindo todas as facetas
da vida de uma mulher:

SOCIEDADE DE SOCORRO

Conversa com Belle S. Spafford, Presidente Geral

Cento e trinta e três anos atrás, a 17 de março de 1842, a Sociedade de Socorro da Igreja de Jesus Cristo foi organizada por intermédio do profeta Joseph Smith, para abençoar as mulheres e seus lares por todo o mundo.

PERGUNTA: Geralmente se olha para a Sociedade de Socorro como uma organização destinada a mulheres mais idosas, mas quem são, na realidade, os membros da Sociedade de Socorro?

Irmã Spafford: A Sociedade de Socorro é atualmente responsável por todas as mulheres de 18 anos para cima. Se a moça tiver menos de 18 anos, mas for casada, particularmente se tiver filho, então penso que também devemos ser responsáveis por ela. A Sociedade de Socorro tem programas educacionais e de economia doméstica, musicais, atividades sociais e recreativas. Não existe faceta da vida de uma mulher que não possa ser tocada por intermédio da Sociedade de Socorro.

PERGUNTA: Em que difere a Sociedade de Socorro de outras organizações femininas?

Irmã Spafford: A Sociedade de Socorro difere em muitos aspectos. Primeiro, em sua estrutura organizacional. A maioria das outras organizações femininas tem



oficiais eleitas, mas nós as temos designadas pelo Sacerdócio. Outros grupos agem de acordo com estatutos e regulamentos, mas nós operamos sob a direção de profetas. Quando a Sociedade de Socorro foi organizada pela primeira vez, as irmãs apresentaram a Joseph Smith um estatuto e regulamentos. Ele elogiou-lhes o esforço, mas disse-lhes que o Senhor tinha "algo melhor" para elas. Depois, quando a Sociedade de Socorro foi organizada sob a autoridade do Sacerdócio, o profeta disse às irmãs: "Que esta Presidência sirva como uma constituição: todas as suas decisões sejam consideradas leis, e tratadas como tal... As atas de suas reuniões serão precedentes para vocês agirem de acordo, elas serão o seu regulamento e lei. (História da Sociedade de Socorro, 1842-1966, p. 18.)

Isto é bastante diferente da maioria das organizações femininas. Embora elas disponham do melhor pensamento de mentes privilegiadas, para dirigi-las, nós contamos com a verdade revelada. Uma das diferenças que isso faz, é que temos as respostas firmes para os problemas que as organizações femininas enfrentam. Elas às vezes têm aguda competição para eleger oficiais, mas nada disso existe na Sociedade de Socorro. Uma boa irmã poderia dizer que gostaria de ser a presidente da Sociedade de Socorro da ala, mas o dizer que gostaria do cargo não lho dará. Não é assim que as chamadas vêm. As oficiais são apontadas pelo Sacerdócio.

PERGUNTA: Ao analisar sua associação com a Sociedade de Socorro através dos anos, em que lugar tem estado a organização, e para onde está indo agora?

Irmã Spafford: Penso que uma coisa notável é a tremenda modificação que operou na vida social, econômica, industrial e educacional da maioria dos países do mundo, desde que a Sociedade de Socorro foi fundada. E não creio que nenhuma alteração no mundo tenha tido mais significado que a mudança na posição da mulher. Na época em que a Sociedade de Socorro foi fundada, o mundo da mulher era o lar, a família, e talvez um pouco de serviço na comunidade.

Atualmente, o mundo da mulher é tão amplo quanto o universo. Dificilmente se achará uma área da atividade humana em que a mulher não possa entrar, se tiver a vontade e o preparo necessários.

Ainda assim, no meio de toda essa mudança, a estrutura organizacional da Sociedade de Socorro, os propósitos básicos pelos quais foi estabelecida, têm permanecido constantes, e os programas da Igreja que implementam esses propósitos, têm sido adaptáveis às necessidades das mulheres em cada uma das eras que se sucederam.

Através dos anos, a Sociedade de Socorro apresenta-se tão constante em seus propósitos, como é constante a verdade. Os propósitos que eram importantes para um punhado de mulheres em Nauvoo são ainda importantes para as mulheres em todo o mundo. Esse é o milagre da Sociedade de Socorro. Tenho ali trabalhado por muitos anos, e estou agora começando a ter uma percepção de sua grandeza.

PERGUNTA: Qual é o papel das mulheres SUD na atualidade?

Irmã Spafford: Sob o ponto de vista da Igreja, o papel da mulher permanece o mesmo que sempre tem sido. A mulher deve dar sua maior prioridade ao lar: o marido, a família, e a oportunidade de gerar filhos.* Essa é a sua missão divina. Nem todas as mulheres conseguem ter filhos, ou têm o privilégio de ser capazes de criar família nesta vida, mas penso que possuem grande potencial para o crescimento, que o Senhor espera que desenvolvam.

PERGUNTA: Qual a principal contribuição que as mulheres podem fazer no lar?

Irmã Spafford: A mãe tem a grande e maravilhosa oportunidade de criar uma atmosfera espiritual no lar. Por seus ensinamentos, e ainda mais importante, por sua atividade, ela ensina aos filhos o que significa amar ao Senhor, apoiar o Sacerdócio, e viver uma vida rica e plena, uma vida pacífica e ordeira, que se reflete no próprio lar. Vocês são capazes de imaginar como seria



um lar em que a mãe tem o companheirismo constante do Espírito Santo?

PERGUNTA: Existem formas pelas quais a mulher possa contribuir diretamente para seu ramo ou ala?

Irmã Spafford: Há ofícios na Igreja que as mulheres têm preenchido tradicionalmente, onde têm feito maravilhosa contribuição, tal como servir como oficiais na Sociedade de Socorro, Associação de Melhoramentos Mútuos (atualmente Programa das Moças), e a Primária, fazendo trabalho de secretaria, e ensinando classes em quase todas as auxiliares. Mas penso que a maior e mais importante contribuição que as mulheres podem fazer na ala é na prestação de serviço de solidariedade.

Estive numa fábrica de seda em Bangkok certo dia, e observei as operárias tecendo material com grandes bobinas de fio colorido. Bem no alto, havia uma bobina menor, com um tipo diferente de fio de seda, que de vez em quando descia e corria ao longo. Perguntei: "Que é aquilo? Não parece ser a mesma fibra de seda." A teceloa respondeu: "Não, é uma fibra muito especial, que dá à seda o seu brilho e força. É o que faz a seda Taí tão valiosa. É isso que o serviço de solidariedade faz pelas mulheres da Igreja, particularmente às jovens e às mais idosas. Dá às suas vidas um brilho e força que não poderiam receber de nenhum outro modo.

PERGUNTA: A senhora sente que as jovens têm uma contribuição especial a prestar?

Irmã Spafford: Sim. Elas têm talentos muito especiais que podem pôr à disposição, ao prestarem certos serviços de solidariedade, tais como atenção aos idosos e aos impossibilitados de sair de casa. É maravilhoso para uma senhora mais velha ter uma jovem que a visite e diga: "Estou indo à loja. Quer que lhe traga alguma compra?" ou se alguém está doente: "Quer que escreva uma carta para alguém?" O simples gesto de aparecer para uma visitinha, quebra a solidão de uma pessoa idosa. Até mesmo colocar algumas peças de roupa na máquina de lavar pode ser um serviço importante. Nós pensamos que as mulheres mais jovens podem ser uma grande força para a Igreja, no cuidado aos idosos e doentes.

PERGUNTA: A senhora tem algum conselho especial para famílias em que só existe um dos genitores?

Irmã Spafford: Minha mãe viveu nessa situação. Papai faleceu moço e ela criou sete de nós. Enviou os rapazes a missões, educou duas filhas, e não trabalhou fora de casa. Mas quanto trabalhou no lar!

A mãe que fica sozinha tem desafios tremendos, mas também tem oportunidades magníficas. Com muita freqüência, uma viúva ou divorciada que cria o filho sozinha começa a sentir-se um pouco sobrecarregada e tendente à autocomiseração, em lugar de dizer: "Eis aqui uma grande oportunidade de me desenvolver e enfrentar as necessidades desta família. Sempre temos um bispo que pode aconselhar-nos, ou mestres familiares que nos ajudem, uma presidente de Sociedade de Socorro que nos ensinará a fazer as roupas das crianças. Podemos ficar bastante ocupados e ser uma família forte e independente."

PERGUNTA: Que conselhos daria a senhora para as

mulheres que estão lutando com problemas de aborto, controle de natalidade, movimentos feministas, e a questão de decidir se devem ou não trabalhar fora de casa?

Irmã Spafford: As mulheres têm, da parte da Igreja, as diretrizes de que necessitam. O desafio consiste em educá-las, até que sejam capazes de ver a sabedoria dessas diretrizes e se tornem obedientes a elas.

No que se refere ao trabalho das mulheres, elas devem sempre medir os melhores interesses do lar, da família, e dos filhos, em comparação com o que fazem individualmente. Não deverão trabalhar em prejuízo dos filhos, só para satisfazer a seus próprios interesses. O valor monetário de serviços tais como amor, segurança etc., não pode ser medido.

PERGUNTA: Existe alguma ênfase especial que a Sociedade de Socorro esteja para dar a programas diferentes durante o ano vindouro?

Irmã Spafford: Há três alvos principais: o primeiro é edificar o testemunho. O que desejamos para as mulheres da Igreja é que cada uma obtenha um testemunho suficientemente forte para apoiá-las em toda prova, porque todas as terão. Jamais se pretendeu que não teríamos provas. Alguns dizem que o serviço de solidariedade é o trabalho fundamental da sociedade de Socorro. Penso que ele é uma forma de expressarmos nosso testemunho.

O segundo alvo é promover amor e compreensão entre as irmãs. Pensem em uma fraternidade feminina de cerca de novecentos a um milhão de mulheres com testemunhos fortes do Evangelho, seguindo orientações da Igreja, e constituídas numa irmandade que passa por cima das fronteiras das nações. As lições de refinamento cultural para este ano foram preparadas para alimentar essa fraternidade.

O terceiro alvo é ajudar as mulheres a enfrentar alguns dos problemas práticos da vida. Acho que devemos ensinar-lhes habilidades domésticas: como enfrentar a inflação, o alto custo de vida, e como apoiar os irmãos no programa de prevenção de doenças. Nossas aulas de nutrição e de costura são destinadas a atender a algumas dessas necessidades.

PERGUNTA: Como a senhora avaliaria o sucesso dos cursos de educação das mães?

Irmã Spafford: As mulheres adoram essas lições. É interessante que os cursos de educação das mães estão fortalecendo os berçários da Sociedade de Socorro. Quando as mães aprendem um princípio de cuidado infantil, ficam ansiosas para ir ao berçário e aplicar o que aprenderam, como o fariam em treinamento de campo. Está se desenvolvendo magnificamente.

PERGUNTA: Irmã Spafford, nos anos em que tem presidido a Sociedade de Socorro, que princípios de liderança aprendeu, que ajudariam as mulheres da Igreja em seus lares e em seus chamados?

Irmã Spafford: Uma coisa aprendi: que a Igreja nos oferece oportunidades que freqüentemente nos fazem superar a nós mesmas. Penso que, ao tentarmos conscientemente cumprir os chamados da Igreja, o Senhor nos inspira, e a Igreja nos dá outras experiências que nos ajudam a qualificar-nos para nossas missões. Penso

que a obediência é uma coisa importante. Se você se empenhar, e for fiel e diligente, alguma coisa usualmente aparece para ajudar.

PERGUNTA: Que tem a dizer sobre as situações especiais que as mulheres têm na Igreja, de trabalhar com o Sacerdócio?

Irmã Spafford: Essa é a maior bênção de que desfrutamos. O presidente John Taylor disse, na reunião de fundação da Sociedade de Socorro, que se regozijava de que a Sociedade de Socorro fosse fundada de acordo com as leis do céu, que são leis divinas, orientadas pelo Sacerdócio. A organização do Sacerdócio é o governo de acordo com a lei divina. Estou perfeitamente satisfeita de trabalhar sob a direção do Sacerdócio.

O Senhor tem missões divinas para suas filhas; ele as ama e respeita seus talentos, habilidades e capacidade mental. Ele as designa de acordo com a natureza

de cada uma, para as várias divisões do trabalho. Colocou o homem à testa da instituição do lar. É preciso que seja de acordo com o plano do Senhor. É simplesmente assim.

PERGUNTA: A senhora poderia partilhar com as irmãs da Igreja seus próprios sentimentos acerca do Evangelho e da Sociedade de Socorro?

Irmã Spafford: Gostaria de que as mulheres freqüentassem a Sociedade de Socorro, sentindo que isso é não somente um privilégio, mas também uma obrigação. O Senhor nos deu algo especial, e temos obrigação de fazer uso desse grande dom. A posição de membro da Igreja é um privilégio muito grande. A situação de membro da Sociedade de Socorro é um privilégio especial. Não existe nada igual para uma mulher se desenvolver, para servir à humanidade, para encontrar auto-expressão, para estruturar bem e sabiamente sua própria vida. Tudo isso se encontra no plano do Evangelho.

“... Uma Criança os Conduzirá”

Elder Henry D. Taylor

Assistente do Conselho dos Doze



Alguns anos atrás, travei conhecimento com uma família, ocasionando algumas alterações maravilhosas nas vidas deles, e tudo aconteceu por causa da filha de onze anos de idade daquela casa.

O pai daquela família era membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos

dos Últimos Dias. Entretanto alguns de seus hábitos o impediam de ser ativo, e a esposa não era membro de igreja nenhuma. Nenhum dos pais se incomodava sobre qual igreja a filha freqüentava, se é que freqüentava alguma.

Ao tempo em que alcançou os onze anos, ela havia estado já em diferentes e diversas igrejas da comunidade. Certo dia, esteve numa escola dominical dos santos dos últimos dias, e sua vida foi transformada.

Todas as semanas subseqüentes, encontravam aquela garota em sua classe de escola dominical, na qual aprendia tudo o que podia acerca do Evangelho. Foi lá que começou a compreender a importância de pedir uma bênção para o alimento e também por que os membros da Igreja jejuavam um domingo a cada mês.

Em pouco tempo, a família adotava a bênção antes de cada refeição, e os pais tomavam conhecimento de que a filha achava importante não tomar o desjejum no Domingo de Jejum.

Uma certa manhã, contudo, a garota esqueceu que era Domingo de Jejum e comeu a deliciosa refeição que a mãe havia preparado para os outros da família. Mas, quando retornou da reunião naquele dia, soluçou: “Oh, mamãe, por que não me disse que hoje era Domingo de Jejum?”

A mãe não entendia muito a respeito de jejuns, mas sentiu-se tão tocada pela profunda preocupação da filha e por suas lágrimas, que desejou saber mais acerca do propósito

do jejum, e a garota pôde explicar a importância do princípio do jejum para ela. Falou igualmente à mãe muitas coisas acerca de outros princípios do Evangelho, e o quanto a Igreja representava em sua vida.

Tudo aquilo foi motivo de espanto para a mãe, que pediu à filha que lhe perdoasse por não ter percebido como era importante observar o jejum. Depois, rogou ao Senhor que ele também pudesse perdoar-lhe.

Quanto mais a mãe pensava no que a filha lhe tinha dito, tanto mais impressionada se sentia com a necessidade de aprender mais a respeito do Evangelho. Começou a freqüentar a Escola Dominical e a Reunião Sacramental com a filha e o filho.

Os missionários, dentro em pouco, foram convidados a visitar a família para ensinar-lhes o Evangelho. Não se passou muito tempo, e a mãe, juntamente com a filha estavam prontas para o batismo, e o pai se tinha tornado ativo e digno para realizar aquela ordenança sagrada. Mais tarde, quando o menino chegou aos oito anos, o pai batizou-o também.

Com o tempo, o pai foi designado conselheiro na presidência do ramo. No seu décimo quinto aniversário de casamento, a família pôde ir ao templo de Los Angeles, no qual os pais foram casados para o tempo e a eternidade, e os filhos lhes foram selados, o que constituiu um dia glorioso para todos.

Como são verdadeiras as palavras do profeta Isaías: “... e uma criança os conduzirá.”

Como Pai ou Líder de Jovens, Que Deveria Você Saber Acerca da Música Contemporânea?

por Larry Bastian

Em dezembro de 1970, a Primeira Presidência declarou:

"Por intermédio da música, a habilidade do homem para expressar estende-se para além dos limites da linguagem falada, tanto em sutileza, quanto em força. A música pode ser usada para exaltar e inspirar ou para levar mensagens de degradação e destruição. É, pois, importante que, como santos dos últimos dias, em todos os tempos, apliquemos os princípios do Evangelho, e busquemos a diretriz do Espírito na seleção da música que nos rodeia." (Boletim do Sacerdócio, dezembro de 1970.)

A maioria concorda que a música popular tem uma significativa influência na vida dos jovens, e é responsabilidade dos líderes dos jovens do Sacerdócio, ensiná-los a usar julgamento correto nesse setor.

Para começar, entretanto, é indispensável que haja mútuo interesse e compreensão. Alguns líderes, tendo pouco conhecimento da música popular, hesitam em tentar discuti-la de modo que não seja apenas superficial.

Como poderemos preparar-nos melhor para nos comunicarmos eficientemente quanto à música popular?

Primeiramente, precisamos compreender alguma coisa sobre a música popular, e por que os jovens são atraídos por ela. Se condenarmos uma apresentação musical por incompatível com o Evangelho, deveríamos ser capazes de dizer por que acreditamos que é incompatível, e depois ensinar os princípios que ajudarão aqueles que fizeram a seleção a aperfeiçoar seu julgamento. Precisamos, portanto, tentar travar conhecimento com a música popular.

O esforço de travar conhecimento provavelmente exigirá um bocado de escuta e avaliação paciente; este é o ponto em que os jovens podem ajudar. Podemos aprender com eles o que é que preferem, e por que,

como soa a música, e o que dizem as letras. Esta tarefa deve ser abordada com mente aberta. No processo, poderemos encontrar algumas surpresas compensadoras, porque uma boa parte da música popular contemporânea é elogiável.

Para os jovens de hoje em dia, a sua música parece atual, sofisticada e excitante. Por meio dela, são capazes de se identificar e comunicar-se com a sua sociedade; ela provê uma experiência comum à qual cada um pode corresponder. Os amigos esperam que eles a conheçam. Ouvem-na onde quer que vão. Quando falamos com membros jovens da Igreja, não devemos pôr de lado a seriedade deste assunto para eles.

Por que haveria a música popular contemporânea de causar maior preocupação do que a música de duas ou três décadas atrás? Por uma razão: a sociedade passou por uma mudança sutil, mas poderosa: tem-se tornado crescentemente permissiva quanto ao que aceita em diversão popular, incluindo-se filmes, televisão, livros e revistas, teatro, e evidentemente a música. As filosofias do mundo estão sendo promovidas mais ruidosa e mais persuasivamente do que em qualquer época anterior.

Por exemplo, os padrões de moral de alguns dos jovens mundanos e prósperos parecem expressar-se neste código de conduta: "É perfeitamente correto fazer-se qualquer coisa que se deseje, desde que não cause mal a ninguém mais." Essa filosofia evidencia-se em todas as formas contemporâneas de entretenimento. Através da música popular, temos observado serem defendidas as experiências com drogas, o abandono dos padrões morais, a resistência à autoridade, e a inabilidade em refrear as paixões e os desejos egoísticos. Embora a maioria dos jovens provavelmente não viva por esses padrões, a tendência durante os últimos anos demonstra que a idéia está ganhando aceitação mais ampla a cada instante.

Entretanto, é importante e encorajador notar que nem toda a música popular, até mesmo a chamada música "rock", promove essa filosofia permissiva. "Nosso objetivo como líderes, deveria ser de ensinar a juventude a fazer uma seleção do que é bom e rejeitar o mau. Quando eles o fizerem por livre escolha, deveremos saber que fomos bem sucedidos."

Como é que alguém aprende a escolher a melhor música popular? A resposta a esta pergunta repousa naquilo que a canção diz, nas coisas em que a sua execução acarreta, e no tipo de atitude que faz surgir. É extremamente fácil avaliar a mensagem explícita de uma canção, ouvindo as palavras. Se os deslizos na conduta moral, o uso das drogas, a adoração de Satanás, a rejeição da autoridade legal, ou qualquer ato ou atitude contrários ao Evangelho forem defendidos, a canção não deverá ser usada. Por exemplo, "Jesus Cristo Superstar" foi julgada inaceitável, porque sua doutrina é incorreta.

A segunda parte do processo seletivo requer que avaliemos o intento da apresentação. Infortunadamente, é possível fazer até uma canção inocente parecer pecaminosa pela maneira como é apresentada. Se o intento de uma apresentação é agitar uma emotividade negativa, ou comunicar um desejo iníquo, mesmo que a mensagem possa não aparecer explicitamente em palavras, é óbvio que a obra não deve ser usada. Alguns artistas populares precisarão ser rejeitados, em virtude de sua notoriedade quanto ao intento impróprio em sua apresentação.

Vestuário, toailete e gestos corporais dos apresentadores podem levar consigo intenções impróprias, como também um estilo vocal que insinua mais do que a letra da música diz, ou um estilo incontrolado e animalesco.

O fator restante diz respeito a uma combinação de volume, ritmo ("batida"), tempo, fervor emocional dos apresentadores, e outros elementos. Essa combinação é chamada de "intensidade". A intensidade de uma apresentação musical é que afeta a reação dos ouvintes, provavelmente mais do que outros fatores. Quando uma apresentação é muito intensa, o ouvinte pode tornar-se emocionalmente dominado, e seus pensamentos alienados pela música. Esse efeito pode ser positivo, **como se pode talvez experimentar ao ouvir uma apresentação do Coro Aleluia**, ou pode ser deprimente, como quando pensamentos e emoções impróprios são inspirados.

A intensidade pode ser um problema especial num baile. Quando a música de dança é selvagem e descontrolada, os bailarinos podem tornar-se emocionalmente superestimulados. Em tal situação, tendem a permitir que as reações e gestos físicos sejam controlados pela música, em vez de o ser por sua vontade pessoal. Levada ao extremo, isso conduz a movimentos desordenados

e sugestivos. Sob tais condições, a tentação de permitir que os próprios pensamentos sejam dirigidos a caminhos doentios torna-se impossível de resistir.

Quando isso acontece, a intensidade da música pode ser reduzida, baixando-se o volume, ou mudando o ritmo, o tempo, ou o fervor emocional dos apresentadores. Frequentemente baixando se o volume, reduz-se a maior parte do problema.

Como uma orientação sugerida para bailes, recomenda-se que a música não deve ser tão alta que torne impossível a conversação. Algumas vezes, contudo, o volume por si mesmo não é o problema. Outras formas de reduzir a intensidade num baile são a modificação da batida, ou do tempo, ou a insistência em uma apresentação menos emocional. Pode tornar-se necessário aplicar uma combinação desses elementos. As gravações devem ser evitadas, se parecerem tão intensas em todos os níveis de audição, que provoquem apenas reações emocionais negativas.

Muitos jovens têm sido condicionados no sentido de desejarem a sensação de ser empolgados pela emoção inspirada pela música rock. Esse parece ser o objetivo de muitos dos bailes públicos de juventude, e dos concertos de rock. O desafio, pois, é encontrarmos um meio de ensinar aos jovens o uso da moderação.

Quando falamos aos nossos jovens, precisamos ser compreensivos, e olhar para o assunto do ponto de vista deles, mas é importante também que sejamos francos e não comprometamos os princípios de retidão. Como disse o élder Boyd K. Packer: "Não faz parte dos privilégios daqueles que são chamados como líderes empurrar a Igreja para lá e para cá, como se estivesse sobre rodas, esperando colocá-la no caminho em que os homens e os jovens já parecem estar andando."

A tarefa não será fácil. Esforço e paciência constantes serão necessários. Cada nova geração de jovens necessitará de orientação semelhante.

Alguém disse: "O teste do caráter de um homem é o que ele faria, se soubesse que ninguém descobriria." O mesmo acontece com a música jovem e popular. Podemos controlar e melhorar nossos bailes promovidos pela Igreja, e podemos remover as músicas condenáveis de nossos lares, mas teremos sido realmente bem sucedidos somente quando nossos jovens fizerem as melhores escolhas, porque a desejam.

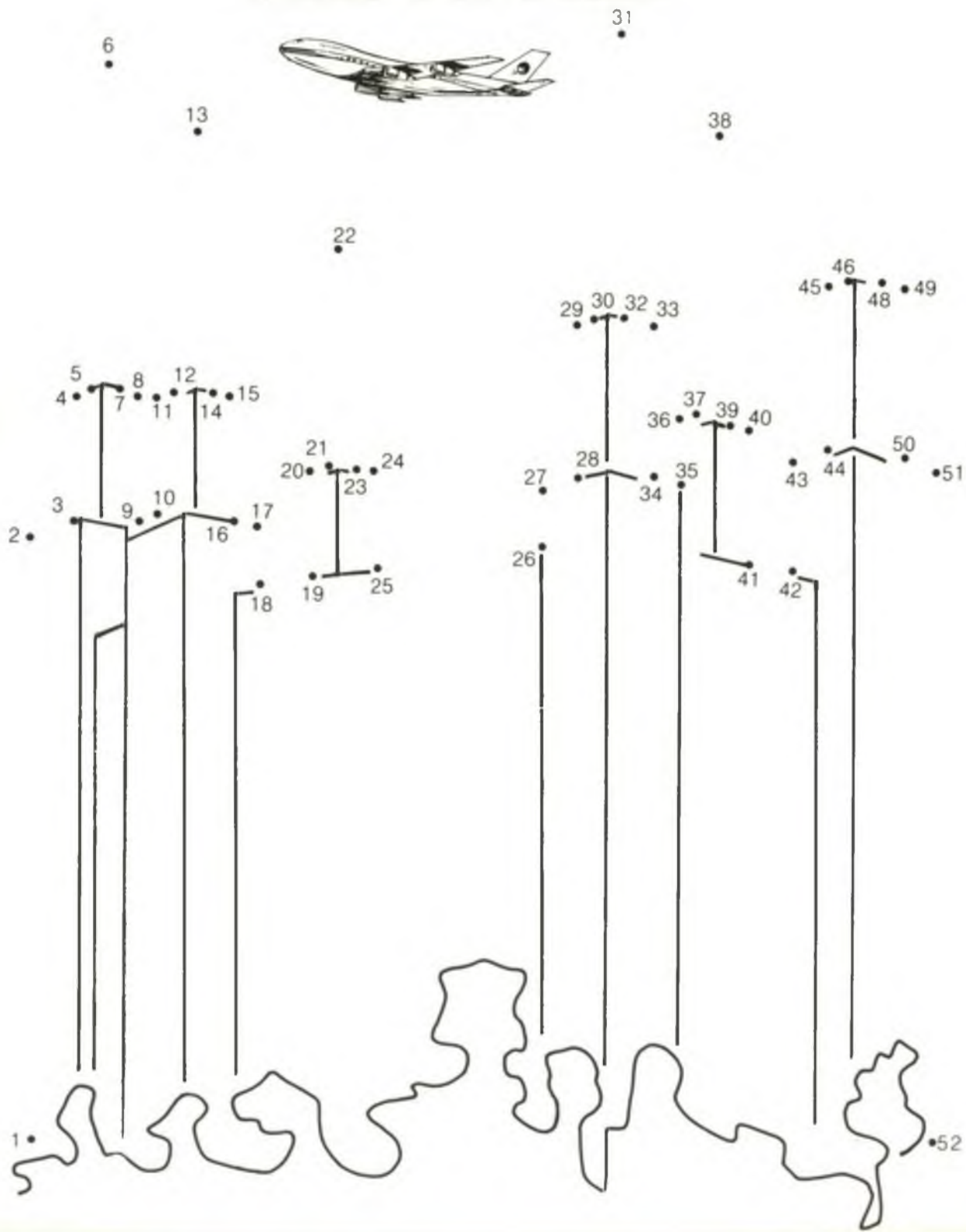
A responsabilidade é clara. O Senhor nos ajudará a cumpri-la. Nossa juventude aceitará conselho que possa compreender. Podemos ensiná-los, se o desejarmos, e devemos fazê-lo.

O irmão Bastian é líder do Comitê da Juventude do Departamento de Música da Igreja.



47

Ponto • Por • Ponto



“PAPAI, O Senhor vai Conversar Comigo”?

por Gary J. Coleman

A segunda-feira à noite é uma ocasião especial em nossa casa, não somente porque Papai e Mamãe estão sempre lá, mas também porque aquela ocasião é uma experiência sagrada e unificadora para nossa família toda.

Quando a lição ou a atividade familiar terminam, a oração é feita, e nossos quatro pequeninos estão prontos para a cama, damos início a uma atividade especial que, em linguagem do Sacerdócio, se chama entrevista pessoal.

Na linguagem infantil, entretanto, ela é expressa sob a forma de uma pergunta: “Papai, o senhor vai conversar comigo?”

Nesses calmos momentos, antes que as pálpebras se tornem pesadas com o tranqüilo sono, existe uma cordial comunicação entre mim e meus filhos, evocando mútuos sentimentos de amor, segurança e preocupação sincera. Como cada uma das crianças pede para ser a primeira, sinto que essa designação de segunda-feira à noite será, mais uma vez, muito desejada. Depois de passar alguns momentos com o bebê que repousa em seu berço, afasto-me de suas risadas e arrulhos felizes para o quarto dos garotos, e ponho-me ao lado de nosso filho de quatro anos, agora descansando de sua constante agitação. Ali nós conversamos, de pai para filho, enquanto ele pergunta: “Podemos falar a meu respeito hoje à noite?”

“Sim, filho, podemos conversar a seu respeito.”

Crianças de quatro anos falam sobre coisas interessantes, mas não permanecem no mesmo assunto por muito tempo. Depois de cinco ou dez minutos de comunicação real, o garotinho sugere que é hora de o Papai ir ver alguém mais, e depois de um beijo e um abraço apertado, afasto-me de sua cama para o lado de um dos mais velhos.

Este que tem seis anos, tem idéias acerca de sair em missão; de ajudar a mãe, de acontecimentos na



escola, de jogos de bola e de se igualar com o desempenho dos heróis que o empolgam. Uma vez ou outra, a cabecinha do de quatro anos ergue-se para ver como vamos indo, mas logo se aquieta.

Conto ao nosso filho mais velho minhas experiências como menino, a preparação para as tarefas da vida, e

Continua na página 31



Minha história sobre Jesus



Jesus nasceu em Belém.



Ele visitou o templo quando tinha doze [anos de idade.



Jesus foi batizado no Rio Jordão.



Depois ensinou o povo.



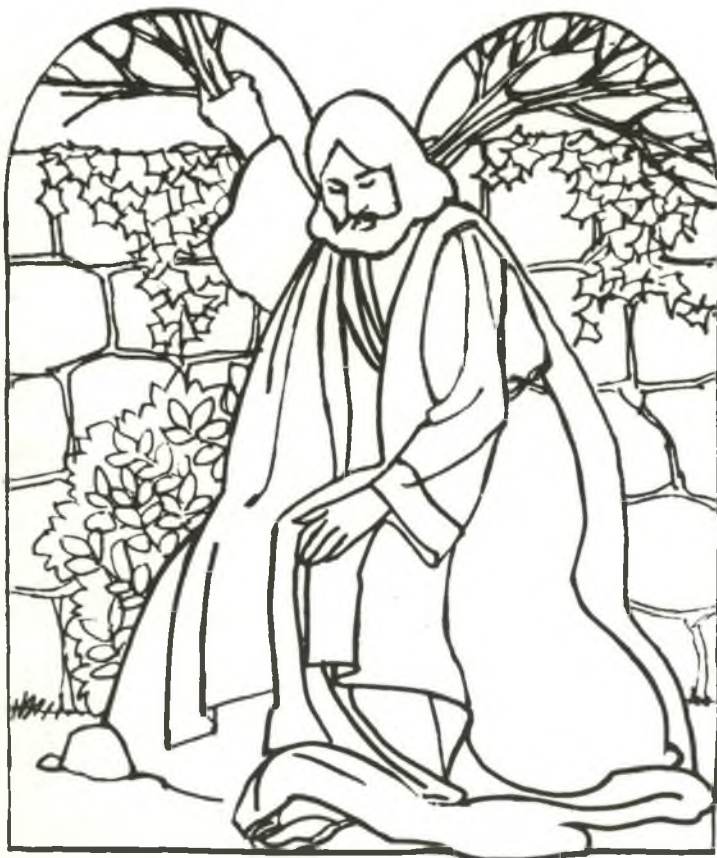
Na última ceia Jesus passou o sacra-
[mento.



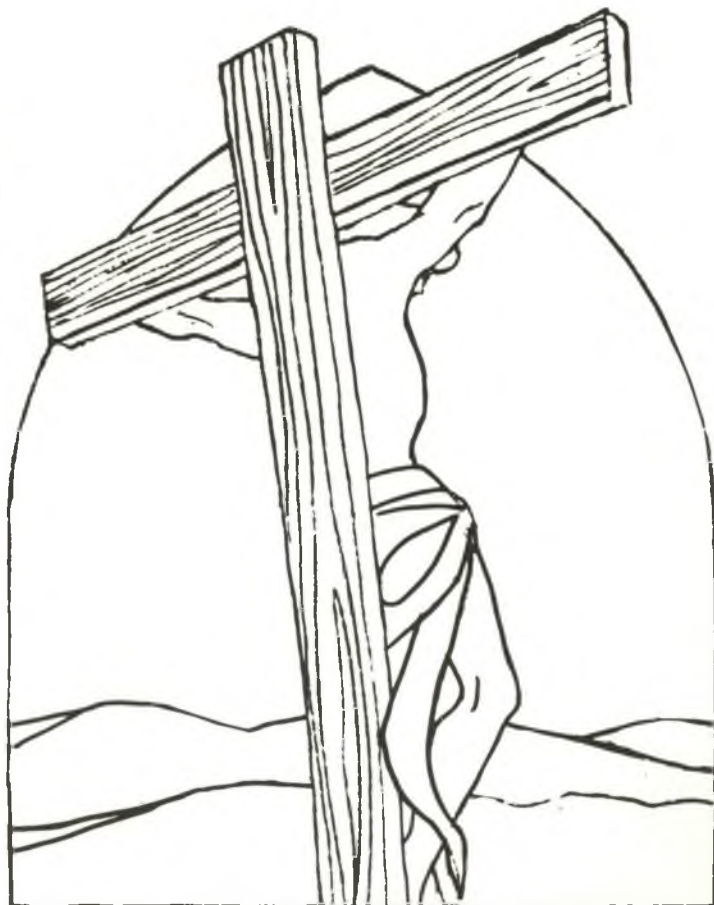
Jesus curou o doente.



e desobstruiu o templo.



No Jardim do Getsêmani Jesus orou,
"Faça-se a tua vontade".



Jesus foi crucificado!



Jesus foi sepultado numa tumba, mas
[ressurgiu no terceiro dia!



Depois de sua ressurreição, Jesus es-
[teve com muitas pessoas.



Jesus, vive realmente depois de sua
[morte?



Oh! Sim, e nós também viveremos.

A Nova Bola de Futebol De Dirk

por Leo D. Hall



Dirk atravessou a rua calçada de pedras arredondadas. Só mais dez vranken (francos belgas), pensou ele, e terei o suficiente. Virou a esquina da Kerkstraat e olhou ao longo da fileira de casas com cercas de ferro negro circundando os jardinzinhos dianteiros. As casas por trás dessas cercas eram típicas de muitas outras edificações belgas. Tinham três a quatro andares de altura, e eram ligadas umas às outras formando um edifício comprido.

Dirk abriu o portão do número 27 e tocou a campainha. No ano anterior, quando havia estado ali, tivera que ficar nas pontas dos pés para alcançar a campainha, mas agora que tinha crescido um bocado podia tocá-la facilmente.

A campainha soou suavemente no interior. Uma janela abriu-se em cima, e uma senhora idosa falou: "Boa tarde, Dirk. Kom binnen (entre)"

"Boa tarde, **Mevrouw** (Sra.) Peeters," cumprimentou ele, quando chegou ao terceiro andar. A senhora entregou-lhe uma lista de compras e certa quantia em dinheiro.

Dirk já fizera muitas tarefas pequenas para **Mevrouw** Peeters, no **groenmarkt** (quitanda), na **bakkerij** (padaria), e em muitas outras casas de comércio. Cada semana ela lhe dava cinco vranken. Nessas tarefas, Dirk geralmente passava pela sua loja favorita, uma casa de esportes, onde parava para olhar atentamente a vitrina.

A reluzente bola de futebol branca ainda estava lá, aquela para a qual ele havia economizado todo o ano. Logo chegaria o inverno na cidade do norte da Bélgica

onde morava, mas isso não o impediria de praticar seu esporte favorito. Cada vez que passava pela loja, tinha um pouco de medo de olhar, com temor de que a bola pudesse ter sido vendida a outra pessoa.

Depois das tarefas de hoje, só preciso de mais cinco vranken, pensou ele.

Dirk entregou as **aardappelen** (batatas) e a **bloemkool** (couve-flor) a **Mavrouw** Peeters. Olhando a moeda em sua mão, imaginava-se a si mesmo chutando sua bola com força para fazer um gol. **Se eu esperar até a semana que vem para pagar o dízimo, pensou, terei o suficiente para comprar a bola hoje mesmo.**

Correu para casa a fim de contar o dinheiro. Estava certo: duzentos vranken. "Certamente, esperar até a semana que vem para pagar o dízimo não vai fazer tanta diferença," disse Dirk a si mesmo. Desceu as escadas correndo e saiu pela porta da frente. A bola de futebol em breve seria sua!

Mas enquanto Dirk saía aos pulos vieram-lhe à lembrança as palavras que a mamãe dissera ao papai na última semana: "Papai precisamos pagar o dízimo primeiro. Você sabe que sempre temos o suficiente para agüentar o mês quando pagamos nosso dízimo." Dirk recordava-se do pai concordando com ela.

Como, espantava-se ele, pode a gente ter mais, pagando mais? Isso simplesmente não faz sentido. Aí então lembrou-se de uma lição durante uma reunião familiar, alguma coisa acerca de as **janelas do céu** (Mal. 3:10) serem abertas, e a respeito do recebimento de muitas bênçãos através da obediência à lei do dízimo do Senhor.

Dirk estacou. A loja de artigos esportivos era depois da próxima esquina. Na imaginação, ele já sobraçava a bola de futebol, mas algo ainda mais forte dentro de si o fez voltar-se rapidamente e correr para casa. Separou o dízimo que devia e colocou-o num envelope para ser entregue ao presidente do ramo no domingo.

Por vários dias, mais tarde, as tarefas de Dirk para **Mevrouw** Peeters o levaram em direção diferente do caminho usual, de modo que não passou pela porta da loja de esportes. No próximo dia em que foi à casa de **Mevrouw** Peeters, ela lhe disse: "Preciso de mais **aardappelen** hoje, Dirk. Você pode ir comprar para mim?"

Dirk fez que sim e disparou para a quitanda.

Mijnheer (Sr.) Vandecasteele embrulhou um quilo de batatas em papel de jornal. "Você já tem dinheiro suficiente economizado para sua bola de futebol?" perguntou.

"Amanhã", retrucou Dirk com um largo sorriso, "terei os últimos cinco **vranken** de que necessito."

No caminho de volta com as batatas, parou para olhar a vitrina da loja de esportes.

A bola de futebol tinha-se ido!

Lágrimas encheram-lhe os olhos, quando se afastava da loja. **Pague seu dízimo... bênçãos esperam por você. Que bênçãos?** Dirk pensava enquanto esfregava os olhos com a manga da camisa para enxugar as lágrimas de desapontamento.

"Oh, Dirk, esqueci-me de pedir-lhe que me trouxesse três **pompelmoezen** (toronjas)" disse **Mevrouw** Peeters. "Você poderia voltar à quitanda para mim, e eu lhe pagarei agora em vez de mais tarde?"

Dirk pegou os cinco **vranken** e começou a descer as escadas. **De que adianta o dinheiro agora? A bola de futebol já se foi**, pensou ele, enquanto voltava vagarosamente à quitanda.

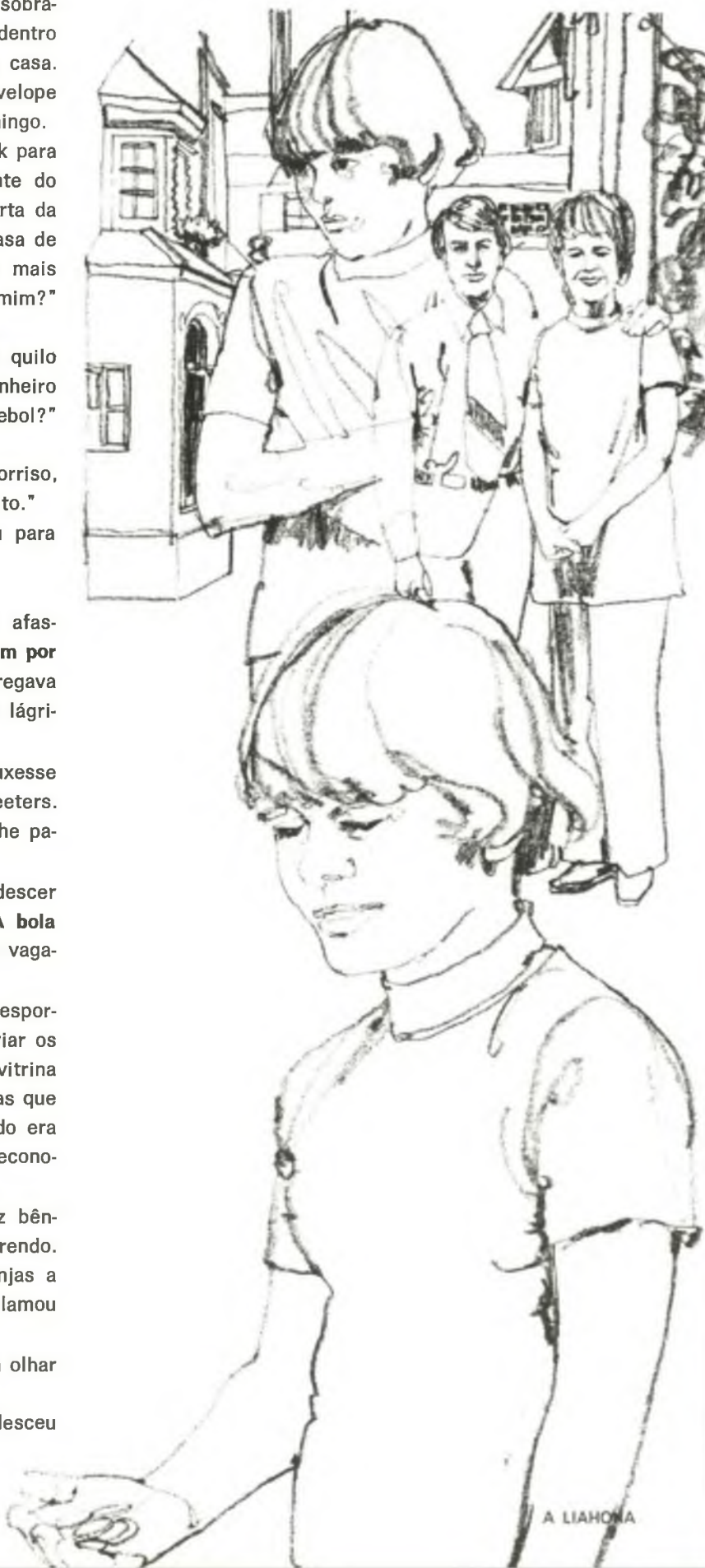
Quando Dirk se aproximava da loja de artigos esportivos, apressou o passo. Depois, começou a desviar os olhos, mas algo lhe prendeu a atenção. Ali na vitrina estava uma bola de futebol, melhor do que todas as que tinha visto anteriormente, e o preço nela marcado era menor do que o da bola para a qual estivera economizando.

"É verdade! É verdade! Pagar o dízimo traz bênçãos," dizia Dirk, enquanto subia a Kerkstraat correndo.

Estava sem fôlego, quando entregou as toronjas a **Mevrouw** Peeters. "Elas realmente se abrem," exclamou ele, como que falando consigo mesmo.

"O quê?" perguntou a velha senhora, com um olhar intrigado.

"As janelas do céu! Elas se abriram!" E desceu correndo escadas abaixo.





Continuação da página 24

mais uma vez aquela comunicação especial flui entre nós. Um pai amoroso e preocupado sempre mantém as linhas de comunicação abertas a seus filhos. Existe ainda um outro Pai que procura fazer com que seus filhos partilhem suas vidas com ele. Estou certo de que ele dá suas bênçãos a esses calmos momentos de partilhamento da vida. Nossa filha de sete anos tem esperado com paciência todos esses minutos eternamente longos e chama de seu quarto: "Papai, já é minha vez"? Com amorosas palavras de despedida e encorajamento a nosso filho mais velho, deixo o lado de sua cama e, ao passar, observo o vulto calmo e adormecido de nosso filho menor em sua cama. Esta é a única noite da semana em que ele adormece tão rapidamente, como se os poucos momentos especiais com o Papai tivessem apagado todos os seus temores e cuidados.

Quando me instalo ao lado da cama de nossa filhinha, ela realmente tem muito o que dizer. Há infinidades de coisas acerca das quais quer falar: escola, amigas, igreja, muitas perguntas sobre a vida, e pelo menos duas ou três histórias completas de seus livros favoritos.

Um pequeno e amável conselho sobre comprimento recatado dos vestidos é dado a ela, e uma palavra de encorajamento acerca de viver os princípios do Evangelho. Depois, falo-lhe que não deixe de dizer, diariamente, à sua mãe que a ama, e partilho meu testemunho com ela acerca do profeta vivo. Finalmente, repassamos as perguntas que o bispo lhe fará dentro de poucos meses, na ocasião do batismo.

Esta "entrevista pessoal" é cheia de uma comunicabilidade que edifica união. Coloca-se entre os maiores momentos de ensino, e é uma emocionante experiência de aprendizado para mim também. Mas uma vez, expressei palavras de amor e apreciação pela vida correta que ela leva. Depois, dou-lhe um abraço e um beijo, e mais uma criança desliza para a terra dos sonhos.

Agora o bebê está adormecido e o filho mais velho também. A paz reina em nosso lar, onde uma vez mais nossa família cresceu em amor e compreensão uns para com os outros.

Quando chego à sala de estar mergulhada em silêncio, converso calmamente com minha amorosa esposa, que é a maravilhosa mãe de meus filhos. Temos esperança de que, seguindo esse costume, nunca perderemos contato com nossos filhos e um com o outro.

Dentro das paredes de nosso lar, o modelo de comunicação do Sacerdócio é certamente uma experiência sagrada, a ser renovada e alimentada a cada semana.

O Irmão Coleman ensina no Instituto de Religião de Spokane (Washington) e serve como sumo-conselheiro na Estaca Spokane Leste.



Os Davis e os Golias

Sábado, Sessão do Sacerdócio, 5 de outubro de 1974
Presidente Spencer W. Kimball

Irmãos, é maravilhoso estar aqui, nesta noite, com cerca de 195.000 de nós. Queremos pagar-lhes tributo e expressar nossa afeição por vocês.

Muitos anos atrás, quando eu estava na presidência da Estaca de São José, no Arizona, certo dia de sábado cumpri uma designação na Ala de Éden. O prédio era pequeno, e a maior parte do povo estava sentada perto de nós, que ocupávamos a plataforma, a cerca de meio metro acima do chão do edifício.

A medida que a reunião se desenvolvia, meus olhos foram atraídos por sete meninos no primeiro banco da capela. Eu estava encantado com os sete garotos naquela conferência de ala. Fiz uma anotação mental e

depois desviei a atenção para outras coisas, mas logo tornei a focalizar os sete meninos novamente.

Pareceu-me estranho que cada um dos sete garotos levantasse a perna direita e a colocasse sobre o joelho esquerdo, e depois, num mesmo instante, todos mudassem juntos, e colocassem a perna esquerda sobre o joelho direito. Pensei que aquilo era uma coisa incomum, mas não me incomodei mais.

Em uma ou duas ocasiões, todos em uníssono coçavam a cabeça com a mão direita, e depois todos os sete meninos apoiavam o rosto na mão, e em seguida, simultaneamente, retornavam ao cruzamento das pernas outra vez.

Tudo me parecia tão estranho, e

eu pensava a respeito enquanto tentava coordenar as idéias do que diria na reunião. Repentinamente, veio-me, como um relâmpago, a compreensão: aqueles meninos estavam-me imitando!

Naquele dia, aprendi a lição de minha vida: que aquele que está em posição de autoridade precisa ser muito cauteloso, porque os outros nos observam e encontram em nós seus exemplos.

O exemplo é uma característica importante na vida de um menino. Geralmente há muitas pessoas que seguem e poucas que lideram. Por conseguinte, é importante que todos vocês, rapazes, desenvolvam o poder de liderança e todos tenham certeza de dar bons exemplos.

Isso será verdadeiro em suas vidas. Se tiverem irmãozinhos, lembrem-se de que eles observam e escutam vocês, e provavelmente farão o que vocês fizerem, e dirão o que vocês disserem.

Espero que conservem isso em mente ao chegarem à adolescência. Lembrem-se de que, geralmente, se freqüentarem suas reuniões e fizerem seus deveres, é muito provável que seus irmãozinhos sigam seu caminho, e o oposto também é verdade.

Isso é também verdadeiro em relação ao seu trabalho missionário. Se seus irmãos pequenos o virem fiel no seminário e instituto, e que você tem as atitudes corretas, e está-se preparando para cumprir uma missão, os pensamentos deles seguirão a mesma linha.

Terêncio, dramaturgo romano (190-159 AC), disse: "Convidei-o a que olhasse para a vida dos homens como quem olha num espelho, e dos outros tirasse um exemplo para si mesmo."

Numa de suas fábulas, Êsopo declara: "Dê você o exemplo e eu o seguirei."

O exemplo é o melhor preceito, e o escritor inglês Samuel Johnson (1709-1784) afirmou que "Exemplo é mais eficaz que preceito."

Eu lhes recordo, rapazes, que, a despeito da pouca idade atual, vocês estão edificando suas vidas; ela será vulgar e de baixa qualidade, ou valiosa e bela; será cheia de atividades construtivas, ou poderá ser destrutiva; poderá ser plena de alegria e felicidade, ou cheia de miséria. Tudo depende de vocês e de suas atitudes, porque a altitude, ou a altura a que vocês atingirão, depende

de sua atitude ou de sua reação às situações.

Lembrem-se de que, quando escalaram uma montanha na Suíça, ou em Banff (no Canadá), ou o monte Timpanogos (em Utah), vocês caminham ao lado de pessoas que se estão desenvolvendo e desafiando. Eles superaram as mesmas dificuldades que vocês.

Recordem-se de que aqueles que galgaram lugares altos nem sempre o fizeram com facilidade. Conta-se que, quando Abraão Lincoln (1809-1865; 16.º presidente dos Estados Unidos) era jovem, fez campanha para o legislativo de Illinois, e foi derrotado fragorosamente.

Em seguida, meteu-se em negócios, fracassou, gastou 17 anos de sua vida pagando os débitos de um sócio indigno. Apaixonou-se por uma linda jovem, da qual ficou noivo, e ela morreu. Entrando na política, concorreu para o Congresso, e foi derrotado redondamente. Tentou conseguir uma designação para o escritório de terras dos Estados Unidos, mas fracassou. Apresentou-se candidato ao Senado americano, e foi vencido por larga margem. Depois, em 1856, tornou-se candidato a vice-presidente e foi derrotado por Douglas, mas em face de todas essas derrotas e fracassos, ele eventualmente alcançou o mais alto sucesso que se poderia conseguir na vida, e imorredoura fama até o final dos tempos. Esse foi o Abraão Lincoln que se tornou presidente dos Estados Unidos. Esse foi o Abraão Lincoln acerca de quem inúmeros livros têm sido escritos. Esse foi o Abraão Lincoln que esculpiu seu próprio sucesso nas montanhas das dificuldades.

Novamente repito que vocês farão de suas vidas o que desejarem ser.

Disse um escritor anônimo: "Alegre-se com a existência de grandes obstáculos na vida, e rejubile-se, também, por serem mais altos do que a maioria das pessoas está disposta a superar. Fique feliz por serem numerosos. São esses obstáculos que dão a você a oportunidade de abrir caminho para a frente da multidão. Eles lhe são proveitosos, porque, se não fosse pelos altos obstáculos, muitos poderiam ser capazes de ultrapassar você."

Quero contar-lhes uma história de tempos antigos, acerca do que um menino fez de sua própria vida iniciante.

Cerca de 3.000 anos atrás, quando o rei de Israel era Saul, e mostrou-se indigno de sua alta posição, o Senhor enviou o profeta Samuel a fim de achar um sucessor para ele. O profeta foi à casa de Jessé, que era pai de oito filhos, e chamou a si os filhos de Jessé, para os entrevistar. Quando o orgulhoso pai trouxe Eliab, o filho mais velho, o profeta disse para si mesmo: "Certamente este é o homem."

"Porém o Senhor disse a Samuel: Não atentes para a sua aparência, nem para a altura da sua estatura, porque o tenho rejeitado, porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (1 Sam. 16:7.)

Então o orgulhoso pai chamou um segundo, e ele não foi aceito. Sete magníficos e belos filhos vieram, um após outro diante do profeta Samuel, que disse ao pai, Jessé: "Acabaram-se os mancebos?" E então Jessé ad-

mitiu: "Ainda falta o menor, e eis que apascenta as ovelhas." E Sa^lmuel disse: "Envia, e manda-o chamar." (Ver 1 Sam. 16:11.)

Quando o filho mais novo chegou, era ruivo e formoso de semblante e de boa presença, e provavelmente queimado de sol, porque era o pastor, e passava boa parte de seu tempo ao ar livre com as ovelhas. O Senhor inspirou a Samuel, que disse: "Esse mesmo é" (1 Sam. 16:12.) E com o pai e os filhos reunidos a seu redor, Samuel tomou o chifre de óleo e ungiu Davi, para tornar-se rei de Israel.

Naquele tempo, os filisteus, acérrimos inimigos de Israel, tinham subido para conquistar a terra, e estavam alinhados sobre uma crista, e Israel sobre a outra, com um pequeno vale no meio.

Quando os exércitos se defrontaram, antes da batalha, um enorme gigante chamado Golias caminhou para a terra de ninguém e desafiou os israelitas, dizendo:

"Para que saíreis a ordenar a batalha? Não sou eu filisteu e vós servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça a mim.

Se ele puder pelejar comigo, e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer, e o ferir, então sereis nossos servos, e nos servireis." (Ver 1 Sam. 17:8-9.) E acrescentou: "Hoje desafio as companhias de Israel, dizendo: Dai-me um homem, para que ambos pelejemos." (1 Sam. 17:10.)

Ocorre que aquele homem era um gigante terrível. Com quase três metros de altura, ele se sobressaía acima de todos, trazia na cabeça um capacete de bronze, e vestia uma pesada couraça metálica. Com as

tiras de bronze das pernas, somadas à couraça entre os ombros, sua cota de malhas era extremamente pesada. Sua lança era tão longa quanto o cilindro do tear do tecelão, e a espada tão afiada quanto uma navalha, e tinha um homem para carregar seu escudo. (Ver 1 Sam. 17:5-7.)

Era certamente um inimigo formidável. Não admira que os guerreiros do lado israelita o temessem. Ninguém parecia ter a coragem ou a temeridade de aceitar o desafio, de modo que era muito compreensível que todos os soldados israelitas recusassem e tremessem.

Aconteceu nessa época crítica que o pai, Jessé, ficou preocupado com o bem-estar de seus três filhos mais velhos que tinham sido incluídos no exército de Saul. Enquanto esses filhos estavam defendendo Israel, cabia a Davi, o mais moço, apascentar as ovelhas.

O bondoso pai chamou Davi de entre as ovelhas e deu-lhe certa quantidade de grão tostado e alguns pães, e o enviou ao acampamento do exército, para que levasse aos irmãos, e dez queijos ao capitão.

Levantou-se Davi bem cedo e iniciou a jornada até Elah. Tomara providências para que alguém olhasse pelas ovelhas de seu pai, de modo que não fossem dispersadas, destruídas ou comidas por animais selvagens.

Quando Davi chegou ao local da batalha, o exército estava começando a movimentar-se para a luta e clamavam pela batalha.

Davi deixou a carga que levava, nas mãos do guarda da bagagem e correu para o exército e saudou os irmãos.

Mais uma vez o filisteu lançou seu desafio, como havia feito durante os 40 dias da campanha.

Quando Davi chegou às fileiras, os homens lhe disseram: "Vistes aquele homem que subiu? pois subiu para afrontar a Israel: há de ser pois que ao homem que o ferir o rei enriquecerá de grandes riquezas, e fará franca a casa de seu pai em Israel." (Ver 1 Sam. 17:25.)

Davi não fora recebido com amabilidade por seu irmão mais velho tampouco, que se mostrou enraivecido com ele e disse: "Por que desceste aqui? e a quem deixaste aquelas poucas ovelhas no deserto? bem conheço a tua presunção, e a maldade do teu coração, que desceste para ver a peleja." (Ver 1 Sam. 17:28.)

Davi pareceu perturbado com as palavras acusadoras do irmão e disse: "Que fiz eu agora? porventura não há razão para isso?" (Ver 1 Sam. 17:29.) Ele sabia que a inspiração o havia levado àquele lugar para um bom propósito de salvar a Israel.

A inspiração ou revelação foi repetida ao rei Saul, que chamou a si o jovem, e Davi disse: "Não desfaleça o coração de ninguém por causa dele: teu servo irá, e pelejará contra este filisteu." (Ver 1 Sam. 17:32.) Mas Saul ficou chocado e disse a Davi:

"Contra este filisteu não poderás... pelejar... pois tu ainda és moço, e ele homem de guerra...

Então disse Davi a Saul: Teu servo apascentava as ovelhas de seu pai; e vinha um leão e um urso, e tomava uma ovelha do rebanho;

E eu saí após ele, e o feri, e li-vrei-a da sua boca: e, levantando-se ele contra mim, lancei-lhe mão da barba, e o feri, e o matei.

Assim feriu o teu servo o leão como o urso: assim será este incircunciso filisteu como um deles; porquanto afrontou os exércitos do Deus vivo." (1 Sam. 17:33-36).

Depois, repetiu: "O Senhor me livrou da mão do leão, e da do urso; ele me livrará da mão deste filisteu. Então disse Saul a Davi: Vai-te embora, e o Senhor seja contigo." (Ver 1 Sam. 17:37.)

Saul colocou a armadura real sobre Davi, mas era tão pesada, que não a podia suportar, e arrancou-a.

"Não posso andar com isto, pois nunca o experimentei", disse Davi. (Ver 1 Sam. 17:39.)

Ao atravessar o regato, o menino Davi agachou-se e pegou cinco pedras e as colocou no alforje de pastor, e levando na mão a funda, dirigiu-se para o gigante filisteu.

O enorme gigante aparentemente ficou chocado e enfurecido com tal afronta. Vendo aquele jovem, ruivo, e de aparência juvenil e franca, em sua ira e desagrado, disse o filisteu:

"Sou eu algum cão para tu vires a mim com paus?" E o filisteu amaldiçoou a Davi, e disse "Vem a mim e eu darei a tua carne às aves do céu e às bestas do campo." (1 Sam. 17:43-44.)

Ergueu-se então Davi em sua majestade e disse ao filisteu:

"Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado.

Hoje mesmo o Senhor te entregará na minha mão e ferir-te-ei, e te tirarei a cabeça, e os corpos do arraial dos filisteus darei hoje mesmo às aves do céu e às bestas da terra:

e toda a terra saberá que há Deus em Israel.

E saberá toda esta congregação que o Senhor salva, não com espada, nem com lança; porque do Senhor é a guerra, e ele vos entregará na nossa mão." (1 Sam. 17:45-47.)

O filisteu e o garoto pastor se aproximaram um do outro, ambos confiantes:

"E Davi meteu a mão no alforje, e tomou dali uma pedra e com a funda lhe atirou, e feriu o filisteu na testa, e a pedra se lhe cravou na testa, e caiu sobre o seu rosto em terra." (Ver 1 Sam. 17:49.)

Fico imaginando quantos de vocês, jovens, já possuíram uma funda. Quando eu era pequeno, fazíamos nossas próprias fundas, e encontrávamos nossas próprias pedras, e escolhíamos nossos alvos, e nos tornamos muito eficientes em atirar pedras. Pegávamos um pedaço pequeno de couro, mais ou menos do tamanho de uns cinco centímetros de comprimento e de forma elíptica; em cada extremidade, fazíamos um buraco, e depois prendíamos uma longa fita de couro em cada extremidade, uma das quais tinha uma alça na ponta, pela qual passávamos um dedo. Depois, com uma pedra na funda, girávamos por cima da cabeça até adquirir bastante velocidade, e soltávamos uma das tiras, e a pedra partia em direção ao alvo.

Costumávamos fazer todos os nossos brinquedos: fundas, assobios, bодоques, bolas, e aprendíamos a usá-los bem.

"Assim Davi prevaleceu contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra, e feriu o filisteu, e o matou sem que Davi tivesse uma espada na mão" (somente uma funda!) (1 Sam. 17:50.)

Tudo o que ele usou foi um pequeno seixo e uma funda, e inspiração e revelação. Ele tinha coragem, tinha força, tinha fé em si mesmo, mas especialmente fé em seu Pai Celestial, ao qual oferecia suas orações.

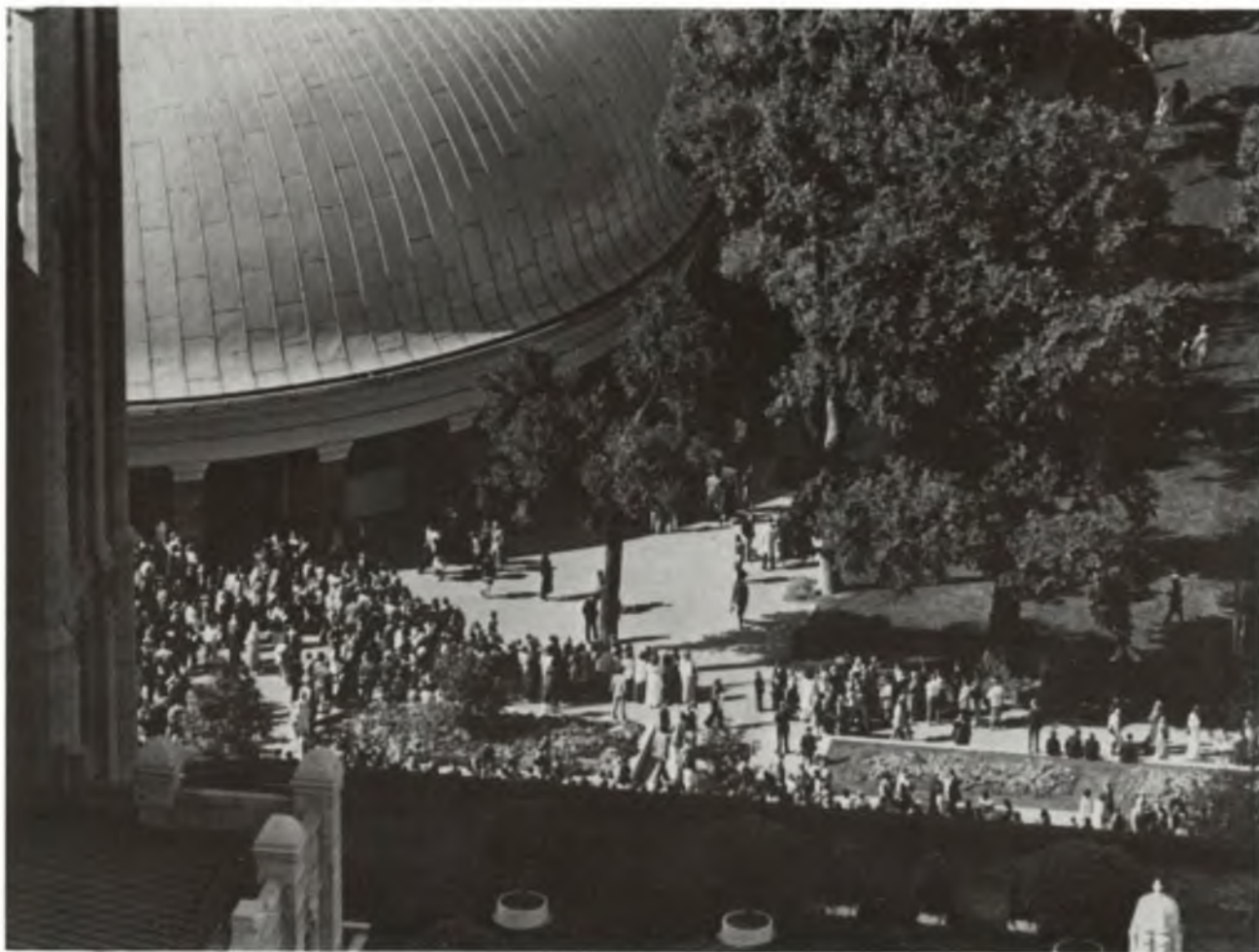
Os 40 dias de desafio, vaidade e jactância haviam terminado para aquele filisteu com a morte!

Evidentemente para levar medo à mente do inimigo, Davi dirigiu-se ao corpo prostrado do antagonista que jazia por terra e cortou-lhe a cabeça. Esse ato parece ter alcançado o efeito desejado, e o inimigo fugiu, e assim um menino inspirado derrotou um exército inteiro. O exército de Israel perseguiu os fugitivos filisteus e ganhou a batalha.

O rei indagou quem era o rapaz que havia realizado façanha tão miraculosa, e Jônatas deu-lhe sua espada, seu arco, e seu cinturão. E as Escrituras dizem: "E Davi se conduzia com prudência em todos os seus caminhos, e o Senhor era com ele." (1 Sam. 18:14.)

Agora, meus jovens irmãos, lembrem-se de que todo Davi tem um Golias para derrotar, e todo Golias pode ser vencido. Pode não ser um fanfarrão que luta com os punhos, ou com espada ou arma de fogo. Pode nem mesmo ser de carne e sangue. Pode não ter quase três metros de altura, pode não estar protegido por armadura, mas cada rapaz tem seu Golias. E todo menino tem sua funda, e tem acesso ao regato com seus seixos polidos.

Você enfrentará Golias que o ameaçará. Quer o seu Golias seja um fanfarrão de cidade, ou a tenta-



ção de furtar ou de destruir, ou a tentação de roubar ou o desejo de destruir por brincadeira, ou a tentação da sensualidade e do pecado, ou a inclinação de fugir da atividade na Igreja, qualquer que seja o seu Golias, ele poderá ser morto. Mas lembre-se de que, para ser vencedor, o indivíduo tem que seguir os caminhos que Davi trilhou:

“Davi se conduzia com prudência em todos os seus caminhos; e o Senhor era com ele.” (1 Sam. 18:14.)

Davi tinha integridade e guardava as ovelhas de seu pai. Não abando-

nava suas ovelhas sem um guardião, enquanto cumpria outra designação do pai.

Davi era responsável. Suas ovelhas estavam em suas mãos; matou o urso e o leão para salvar as ovelhas do pai, mesmo quando havia grande perigo para si próprio. Tirou o cordeirinho da boca da fera e devolveu-o à sua mãe. Davi apanhou cinco pedras para matar Golias. Só necessitou de uma. Era honrado, tinha fé em seu Pai Celestial, e não temia homem algum, porque tinha a confiança de seu Senhor. Censurou

o gigante filisteu, dizendo: “Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu venho a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado.” (Ver 1 Sam. 17:45.)

Alguns tempos atrás, recortei um anúncio de uma revista conhecida. Eis o que dizia:

“Numa ou noutra ocasião, temos de enfrentar o vento frio da adversidade. Algumas pessoas fogem dele, e como um papagaio de papel que arrebenta a linha, cai ao chão.

Outros não se permitem recuar um centímetro e o vento que os destruiria os eleva com a mesma presteza às alturas. Não somos medidos pelas provas que enfrentamos, mas somente por aquelas que sobrepujamos."

O anúncio do oleoduto dizia: "Nem rios, nem montanhas, nem águas dos oceanos barram o caminho de nossa equipe de oleoduto. Quando eles não podem passar através, passam por cima, por baixo, ou ao redor."

Uma obsessão desta Igreja e de todos os seus membros é o trabalho missionário, a respeito do qual vocês ouviram falar o irmão Tuttle hoje à noite. O Senhor disse a seus apóstolos, como pode ser visto no belo quadro no Edifício de Escritórios da Igreja, que fossem a todo o mundo e pregassem o Evangelho a toda criatura. (Ver Mateus 28:19-20.) Gostaríamos de recordar-lhes, rapazes, mais uma vez, a responsabilidade que têm de atender àquele chamado. E se vocês receberem um chamado do Senhor por intermédio do bispo e do presidente da estaca, é privilégio de vocês, mas é também obrigação cumprir aquele chamado com diligência. E uma vez que agora vocês estabelecerão o objetivo de cumprir uma missão, lembrem-se de que custa dinheiro ir às várias partes do mundo e pregar o Evangelho. Recordem-se de que é privilégio de vocês agora começarem a economizar dinheiro.

Toda vez em que vier dinheiro às mãos de vocês, seja por presente ou por trabalho, separem pelo menos uma parte em uma conta de poupança para ser usado em sua missão.

Todo rapaz gostaria de ser independente e fornecer os fundos para a sua própria missão, em lugar de pedir aos pais que o façam em seu lugar. Todo rapaz em todos os países do mundo, que haja sido batizado, haja recebido o Espírito Santo, terá a responsabilidade de levar a mensagem do Evangelho ao povo do mundo. Esta é igualmente a oportunidade de vocês, e contribuirá muito para o engrandecimento de cada um.

Gosto dos versos do poeta americano Edgar A. Guest (1881-1959), a que ele denominou "Equipamento":
Imagine para si mesmo, meu rapaz,
Que você tem tudo o que os grandes homens tiveram:
Dois braços, duas mãos, duas pernas, dois olhos
E cérebro para ser usado, se você for sábio.
Com esse equipamento, todos eles começaram,
Portanto inicie a escalada e diga: "Eu posso."

Examine-os cuidadosamente, os sábios e grandes,
Eles tiram seu alimento de um prato comum,
E usam facas e garfos semelhantes; Com laços parecidos, eles amaram seus sapatos,
O mundo os considera bravos e espertos,
Mas você tem tudo o que eles tinham quando começaram.

Você pode triunfar e chegar à habilidade.

Você poderá ser grande, se apenas [o desejar.
Você está bem equipado para qualquer luta que escolha,
Você tem pernas e braços e um cérebro para usar,
E o homem que realizou grandes feitos
Não começou sua vida com nada [mais que você.

Você é o obstáculo que você mesmo terá que enfrentar,
Você é aquele que terá que escolher seu lugar,
Você terá que dizer para onde deseja ir,
E até onde estudará para conhecer a verdade.
Deus o equipou para a vida, mas ele deixa que você decida o que deseja ser.

A coragem tem de vir de dentro da alma,
O homem tem que fornecer a vontade de vencer,
Assim, imagine para si mesmo, meu rapaz,
Que você nasceu com tudo o que os grandes têm tido,
Com o seu equipamento, todos eles começaram
Elimine o temor, e diga: "Eu posso."

Collected Verse of Edgar A. Guest, Chicago: Reilly and Lee, 1934, p. 666.

Quero chamar a atenção de vocês para mais um Golias que pode desafiá-los e colocar-se em seu caminho. Seu nome desta vez é pornografia ou obscenidade. Ouçam:

Quando você conta uma história
[obscena,
Será que se detém para pensar
Na impressão que causou na mul-
[tidão?
Você imagina que os rapazes gos-
[tarão dela?
Você acha que, por terem eles rido,
Você tem razão suficiente para se
[orgulhar?

Você sabe que exhibe
Tudo o que lhe vai dentro da alma,
Quando a história obscena passa
[por sua língua?
Ela revela sua própria contamina-
[ção,
Proclama sua ignorância,
Desagrada a todos os rapazes de-
[centes que apreciam
[divertimento real.

Você imagina que exhibe
Qualquer dose real de senso co-
[mum,
Quando mostra à multidão como
[sua mente está apodrecida?
Você sabe que desonra
Tanto a seus pais quanto a seus
[amigos?
Pense nisso, rapaz, e é isso que
[descobrirá.

Seja um tanto seletivo na lingua-
[gem;
Seja um pouco mais refinado.
Se quiser ganhar o respeito dos
[que o rodeiam.
Você levará grande vantagem
Sobre aqueles que estão inclina-
[dos
A passar pela vida em contamina-
[ção, lodo e pecado.
Esses versos eu li quando era bem
garoto, e deixaram-me profunda im-

pressão. Espero que toquem nos co-
rações de vocês.

Quando vivia no Arizona em minha
infância, quase todos os fazendeiros
tinham canteiros de melão, e alguns
deles os plantavam para vender. De
vez em quando, alguns rapazes se
reuniam, e na escuridão da noite,
penetravam nessas plantações de
melão, e com o canivete, retalhavam
todos os melões que conseguiam al-
cançar. Eles não estavam interessa-
dos em comer os melões, mas
tratava-se somente de um impulso
mau e destrutivo de estragar. Nunca
pude compreender isso, e jamais po-
deria compreender a idéia de pôr
fogo nas coisas, ou quebrar janelas,
ou rasgar tapetes ou qualquer dos
baixos ardis que eram destrutivos
em sua natureza.

Davi não teria feito isso. Ele ma-
tou um leão com as mãos nuas, mas
foi para proteger suas ovelhas. Ma-
tou um Golias, mas foi para salvar
a Israel. Matou um urso com as
próprias mãos, mas uma vez mais foi
para salvar os rebanhos de seu pai.

Espero que, se alguma vez, na
presença de vocês, houver compa-
nheiros com idéias destrutivas, vocês
ajudarão a reprimi-los e dissuadi-los,
especialmente de fazerem aquelas
coisas que não lhes trarão nenhum
valor, e só deixarão manchas no ca-
ráter deles.

Lembrem-se das Escrituras de
Mórmon:

“Sede prudentes nos dias de vossa
provação; despojai-vos de todas as
impurezas; não peçais para satisfa-
zer vossas concupiscências, mas
pedi com inquebrantável firmeza,
para que não vos sujeiteis a nenhu-
ma tentação, mas para que possais

servir ao verdadeiro Deus vivente.”
(Mórmon 9:28)

Talvez estes versos de Henry Van
Dyke possam ser de interesse para
vocês:

Os homens têm obscurecido seus
[olhos com o pecado,
E amortecido a luz do céu com a
[dúvida,
E construído as paredes dos seus
[templos para trancar-te dentro,
E forjado seus credos de ferro
[para manter-te fora,
“Dirigido ao Deus do Ar Livre”

E vocês, meus magníficos jovens,
não devem ser apenas medíocres.
Suas vidas devem ser limpas e livres
de todo tipo de maus pensamentos
ou atos: nem mentiras, nem roubo,
nem ira, nem infidelidade, nem in-
sucesso em fazer o que é certo, nem
pecados sexuais de qualquer espécie,
em tempo algum.

Vocês sabem o que é certo e o
que é errado. Vocês todos recebe-
ram o Espírito Santo logo após o
batismo. Vocês não precisam que
ninguém julgue se o ato ou o pensa-
mento é certo ou errado. Vocês
sabem pelo Espírito. Vocês estão
pintando seu próprio retrato, escul-
pindo sua própria estátua. Depende
de vocês torná-los aceitáveis.

Que Deus os abençoe, queridos
rapazes. Eu sei que o Pai Celestial
é verdadeiro amigo de vocês. Tudo
o que ele lhes pede que façam é
justo lhes trará bênçãos, e os tor-
nará másculos e fortes. “E Davi se
conduzia com prudência em todos os
seus caminhos; e o Senhor estava
com ele.” (1 Sam. 18:14.)

Que Deus os abençoe, é o que
rogo em nome de Jesus Cristo.
Amém.



Nossa Responsabilidade para com os Transgressores

Sábado, Sessão do Sacerdócio, 5 de outubro de 1974

Presidente N. Eldon Tanner

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Queridos irmãos, levanto-me diante de vocês nesta tarde com toda a humildade, e rogo que o Espírito e as bênçãos do Senhor continuem a estar conosco enquanto lhes falo. Que glorioso privilégio é ser portador do Sacerdócio de Deus: desde o diácono mais novo, no menor e mais distante ramo da Igreja, até ao sumo-sacerdote que possui o ofício mais elevado na Igreja. Como tais, fizemos certos convênios com o Senhor e estamos credenciados às suas muitas bênçãos prometidas, enquanto andarmos retamente diante dele e guardarmos esses convênios.

Outro dia, estive conversando com um entusiástico ex-missionário que tinha sido membro da Igreja por somente cinco anos, e esta é a história que me contou, e que acho muito interessante.

Disse-me ele que fora criado num bom lar, por maravilhosos pais com ideais elevados; mas nunca havia imaginado, e muito menos lhe tinham

sido explicadas muitas das coisas que a Igreja ensina, tais como a existência de um profeta de Deus na terra atualmente, de uma ressurreição literal em que o corpo e a alma se reunirão depois da morte e continuarão através da eternidade, e em particular do belo e importantíssimo conceito de que ele era literalmente filho espiritual de Deus. Nunca lhe havia sido ensinada a restauração do Evangelho, que havia um Deus vivo e pessoal, e que Jesus Cristo, o Salvador do mundo, vive e que é em verdade, o Filho de Deus na carne.

Trabalhando numa estação de veraneio na qual certo número de jovens estava empregado, e onde todos pareciam divertir-se muito, a atenção desse jovem foi despertada por três rapazes que pareciam estar vivendo à parte dos outros, não participando do fumo, das bebidas alcoólicas, e do uso de drogas etc. Eles estavam vivendo padrões muito elevados em todos os sentidos, e pareciam ser moralmente limpos.

Disse ele: "Senti-me atraído para

o grupo, e conversei com eles para descobrir por que eram diferentes. Disseram-me que eram mórmons, que guardavam a Palavra de Sabedoria, a qual me explicaram, e que o Senhor tinha dito: "Não cometerás adultério" (Êxodo 20:14.), e que aquela transgressão sexual era considerada pela Igreja como um dos mais sérios pecados."

Disse mais ele: "Tornei-me muito íntimo daqueles jovens e admirei o que ensinavam e a maneira como viviam. Eles tinham muita liberdade em falar-me acerca da Igreja. Pareciam orgulhosos dela e não se envergonhavam do fato de não estarem vivendo como os outros rapazes estavam. Eles fizeram notar, entretanto, que alguns dos rapazes que eram membros da Igreja e viviam ali não estavam vivendo os princípios do Evangelho."

Pensei como era triste que aqueles outros membros não estivessem vivendo como deviam, e houvessem sucumbido à tentação, e não fossem suficientemente fortes para tomar

posição quanto ao que sabiam ser o certo. Se tivessem sido convertidos e **não** se envergonhassem do Evangelho de Cristo e de seus ensinamentos, também eles poderiam ter influenciado outros para o bem e para mudarem suas vidas, em preparação para as bênçãos finais prometidas aos fiéis.

Meu amigo prosseguiu: "Um dos três rapazes era ex-missionário, e quando me fui mostrando mais interessado, ele ensinou-me o Evangelho como havia ensinado no campo missionário. Escrevi a meus pais e contei-lhes o que encontrara. Eles ficaram muito desapontados e infelizes; mas quando voltei para casa e lhes contei todas as coisas a respeito do assunto, e viram o bom efeito que tudo aquilo tinha tido em minha vida e a mudança de hábitos, deram-me permissão para ser batizado, pelo que fiquei muito agradecido."

Ele tinha exatamente 19 anos quando se filiou à Igreja. Prosseguiu comentando que grande privilégio tinha sido, quando recebera o Sacerdócio Aarônico e pudera administrar e passar o sacramento em lembrança da crucificação do Senhor. Disse que se achava muito humilde, ao

sentir o sagrado valor daquela ordenança, e sempre procurava ser digno e bem apresentado e agir como se o Senhor estivesse a seu lado.

Sentira-se grandemente abençoado quando, como sacerdote, recebera o privilégio de batizar novos membros, percebendo que isto lhe dera o mesmo privilégio e autoridade que tinha sido dada a João Batista, que batizara o Salvador. E enquanto ele falava, desejei que todos os rapazes pudessem sentir e perceber quão importante isso é, e que grande privilégio é podermos realizar essas ordenanças e saber que o Senhor confia em todos nós, para vivermos dignamente e magnificarmos o Sacerdócio que portamos.

Depois, esse jovem disse como tinha ficado alegre um ano mais tarde, ao ser entrevistado para ir em missão, por ter podido dizer a seu bispo e presidente de estaca que estava guardando estritamente a Palavra de Sabedoria, santificando o dia do sábado, pagando seus dízimos e ofertas, conservando-se moralmente limpo em todos os aspectos, e que realmente honrava a feminilidade e nunca tratara uma garota de maneira diferente da que desejaria que tratassem sua irmã. Assim se achava ele

tão bem acerca disso, e tão alegre de poder ir para o campo missionário como representante do Senhor, pois sentia que o Senhor aprovaria sua ida como seu embaixador. Falou-se também do glorioso sentimento que experimentara ao batizar e confirmar seu primeiro converso.

Aquelas foram experiências que o fizeram sentir-se humilde, disse ele, como fora também o ter sido chamado para conferir o Sacerdócio de Melquisedeque sobre um homem e ordená-lo élder. Sentira como era importante que um homem fosse digno desse privilégio de agir em nome do Senhor e que o homem que ordenara era um élder, tanto quanto se o presidente da Igreja o tivesse ordenado. Sentira-se muito humilde e grato ao Senhor.

Ele concluiu, contando-me que em breve ia casar-se, e seu rosto resplandecia quando expressou sua gratidão e felicidade, porque ele e sua amada eram limpos e dignos de ir ao templo, onde poderiam ser selados para o tempo e a eternidade.

Disse-lhe então eu: "Nenhum privilégio ou responsabilidade maior pode ser colocado sobre nenhum rapaz, do que ser-lhe conferido o Sacerdócio de Deus, que é o poder para agir em seu nome. E agora você desfrutará todas as bênçãos e privilégios adicionais que lhe advirão por ser selado pelo santo Sacerdócio no templo de Deus."

Demasiados jovens que têm sido criados na Igreja parecem tomar o Sacerdócio como coisa garantida, e achar que é para eles um direito, antes que um privilégio, recebê-lo. Muitos parecem pensar que é demonstração de esperteza quebrar a Palavra de Sabedoria e ser dissoluto moralmente. Quero acentuar que o Senhor não se alegra com isso. É de suma importância que um rapaz viva digno do Sacerdócio e que não seja avançado, enquanto não for digno.

Ele também precisa estar prepara-



do e digno, antes de receber um chamado para o campo missionário. Não posso imaginar um executivo de nenhuma grande corporação, escolhendo e autorizando uma pessoa a representar a companhia, e fazer quaisquer tipos de contratos, a menos que a pessoa tenha provado ser instruída, capaz e digna: alguém em quem o executivo possa confiar inteiramente.

É mais importante ainda que a pessoa que representa o Senhor, falando em seu nome, seja igualmente digna. Estou certo de que o Senhor se agrada daqueles que estão preparados para fazer as coisas que os tornam dignos e que estão em condições de se erguer e ser contados, e defender a Igreja e o Evangelho de Jesus Cristo, prestando testemunho da verdade, e denunciando o mal e a injustiça. Ele está igualmente desapontado e entristecido, quando aqueles que fizeram convênios com ele deixam de cumpri-los, da mesma forma como sofre por qualquer de seus filhos que caem à beira do caminho.

Quero garantir a todos os rapazes que, quando guardamos nossos convênios ficamos felizes, alcançamos mais sucesso, somos amados e respeitados, até mesmo por aqueles que podem ridicularizar-nos. Eles esperam que guardemos nossos convênios e compromissos, que defendamos nossas crenças, e que sejamos diferentes. Esse fato tem-se evidenciado inúmeras vezes, quando um membro da Igreja é acusado de qualquer crime. Destaca-se que ele é mórmon, ou membro da Igreja Mórmon, enquanto a filiação religiosa dos outros que podem estar envolvidos com ele jamais se menciona.

Permitam-me lembrar a nossos líderes que é responsabilidade e privilégio nosso trabalhar intimamente com esses portadores do Sacerdócio e com os portadores em perspectiva. Através de nossos ensinamentos, exemplo digno e testemunho, podemos ajudá-los a compreen-

der o Evangelho e as suas responsabilidades, e a importância de viver de acordo com os ensinamentos correspondentes.

Façam saber aos jovens que vocês os amam e farão tudo ao seu alcance para ajudá-los a serem bem sucedidos e felizes; mas lembrem-se sempre de que nenhum jovem espera ser avançado no Sacerdócio, ou receber uma recomendação para o templo, ou um chamado para sair em missão, a menos que esteja vivendo dignamente e se encontre preparado para continuar a viver dignamente o Evangelho que abraçou e magnificar o Sacerdócio que possui. Não é bondade nenhuma avançar qualquer pessoa no Sacerdócio, ou dar-lhe uma recomendação para o templo, se ele não for digno, ou enviá-lo em missão para que venha a se arrepender e ajustar-se. Em vez disso, ele deve provar-se digno antes de ser chamado. O Senhor quer representantes dignos.

Agora quero repetir para os rapazes que é muito importante serem honestos em todas as coisas. Alguns têm mentido para seus bispos ou presidentes de estaca, a fim de saírem em missão ou entrarem no templo. Esses, indubitavelmente, não são dignos desses privilégios. O Senhor não será escarnecido.

Líderes, descubram com os missionários em perspectiva o que pensam que o Senhor quer deles como representantes. Nunca hesitem em fazer uma entrevista detalhada de modo que possam saber se são dignos ou se são culpados de qualquer transgressão e como se sentem acerca de um chamado missionário. Depois, juntos, considerem como o Senhor se sentiria acerca disso, e depois ajam de acordo.

Não é correto para ninguém enviar um jovem ao campo missionário sem ter as qualificações ou a dignidade. Ele não poderá captar o espírito de seu chamado, e enquanto estiver no campo missionário será uma carga

para o presidente da missão e um empecilho para a obra missionária. Sei como é de partir a alma para um presidente de missão ter que excomungar e mandar de volta um missionário por causa de transgressão.

Se um rapaz for culpado de transgressão, faça-lhe saber que você o ama e está preparado para ajudar de todas as formas possíveis a trazê-lo de volta ao caminho. Lembre-se de que Satanás está solto, e seus muitos seguidores estão lutando com toda a força para desviar esses rapazes e moças. Estejam sempre preparados para encorajar, guiar, ajudar a orientar esses jovens, para que vivam de acordo com os princípios do Evangelho. Decida que nenhum menino ou menina se perderá por negligência sua.

Agora, a respeito do transgressor: Todo presidente de missão, presidente de estaca e bispo é orientado e instruído quanto à maneira de investigar e tratar todos os casos de transgressão. Uma pessoa culpada de transgressão séria não pode progredir e não é feliz enquanto a culpa estiver sobre ela. Se não tiver confessado e se arrependido, estará em servidão. O transgressor que é tratado como deve, com amor e disciplina adequada, mais tarde expressará sua apreciação pelo seu cuidado, seu interesse, e sua liderança. À medida que ele é tratado de maneira própria, coloca-se em posição de arrepender-se e retornar à plena atividade. **Mas ele deve ser cuidado.**

Esteja atento para os que não são ativos na Igreja, e se sentir que há alguma coisa errada ou que alguém é culpado de transgressão, é responsabilidade sua ir a ele com amor e descobrir o que há. Ele o apreciará, e agindo com presteza, você poderá evitar futuras transgressões. Salvem a pessoa que está tendo um problema, e tragam-na de volta ao rebanho.

Tem-me sido relatado que alguns bispos e até mesmo presidentes de estacas têm dito que nunca excomun-

garam ou disciplinaram ninguém, e que não pretendem fazê-lo. Essa atitude é inteiramente errada. Os juízes em Israel têm a responsabilidade de sentarem-se em julgamento honesto, quando se tornar necessário. Quero ler na seção vinte de Doutrina e Convênios, um importante lembrete para aqueles que têm a responsabilidade de julgar: “Qualquer membro da igreja de Cristo que transgredir ou cair em pecado, deverá ser julgado como mandam as Escrituras.” (D&C 20:80.)

Irmãos, estudem as Escrituras e o manual, e façam como eles orientam, e disciplinem os membros da Igreja quando necessário. Lembrem-se de que não é bondade para com o transgressor a autoridade local ignorar ou passar por cima e tentar encobrir sua iniquidade.

Permitam-me ler uma citação do Presidente John Taylor em que discute esse assunto: “Mais ainda, tenho ouvido de alguns bispos que têm tentado encobrir as iniquidades dos homens; digo-lhes, em nome de Deus, que terão de levar... aquela iniquidade, e se qualquer de vocês deseja compartilhar os pecados dos homens, ou defendê-los, terá de os carregar. Vocês ouviram isto, bispos e presidentes? Deus os requererá de suas mãos. Vocês não estão colocados em posição de brincar com os princípios de retidão, nem para encobrir as infâmias e corrupções dos homens.” (**Relatório de Conferência**, abril 1880, p. 78.)

Estas são palavras muito fortes, irmãos, e foram proferidas por um presidente da Igreja, um profeta de Deus. Também George Q. Cannon faz esta significativa afirmação: “O Espírito de Deus ficaria indiscutivelmente tão contristado, que não só não perdoaria os que são culpados desses atos, mas se afastaria daqueles que permitissem que tais coisas fossem praticadas em nosso meio, sem serem impedidos e reprimidos.”

Precisamos viver no mundo, mas

não nos devemos tornar parte dele. Nós somos diferentes do mundo. Não podemos aceitar as maneiras ou os padrões de vida deles. Nós temos tido, revelado a nós, o Evangelho de Jesus Cristo, que estabelece claramente quais devem ser nossos padrões. Temos tido o Sacerdócio restaurado e tem sido conferido sobre nós. Precisamos ser exemplares em todos os sentidos. Há muitas Escrituras em Doutrina e Convênios que nos dizem como tratar os transgressores, e quais são nossas responsabilidades como portadores do Sacerdócio. Esta em particular merece atenção:

“Portanto, que agora todo homem aprenda o seu dever, e aprenda a agir com toda diligência no ofício para o qual for escolhido.

Aquele que for preguiçoso e o que não aprender o seu dever e não se provar merecedor, não será considerado digno de permanecer.” (D&C 107:99-100.)

Nas Escrituras, é abundantemente claro que os casos que devem ser cuidados pela Igreja incluem, mas não se restringem a isso, a fornicação, o adultério, os atos homossexuais, o aborto, ou outras infrações do código moral; atos criminosos envolvendo torpeza moral tal como roubo, desonestidade, assassinato, apostasia; oposição aberta e desobediência deliberada às regras e regulamentos da Igreja; crueldade para com o cônjuge ou os filhos; a defesa ou a prática do chamado casamento plural, ou qualquer conduta anticristã, em violação da lei e da ordem da Igreja.

Se vocês, líderes, fizerem como o Senhor nos admoesta, ele os abençoará, fortalecerá, orientará, e vocês encontrarão grande alegria em seu serviço. É importantíssimo, contudo, que quando uma pessoa for desassociada ou excomungada, vocês mostrem grande amor e preocupação e façam todo esforço para ajudá-las a limpar sua vida e retornar à plena

fraternidade da Igreja.

Lemos em Doutrina e Convênios:

“Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.

Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados: eis que ele os confessará e os abandonará.” (D&C 58:42-43.)

Quero acentuar para todos os que estão reunidos, onde quer que estejam nesta noite, que é nossa responsabilidade salvar almas. Nós como líderes, precisamos fazer tudo em nosso poder para levar nossos membros aos caminhos de retidão, para conservá-los fortes na fé, para fazer com que saibam que os amamos, e que cada alma é grande à vista de Deus, que somos filhos espirituais de nosso Pai Celestial, e ele está pronto a nosabençoar. Temos a responsabilidade de trabalhar de perto com os pais e seus filhos, para que se conservem moralmente limpos e membros dignos do reino de Deus, e preparem-se para o reino do céu. Mas nunca se tornem desnecessariamente íntimos de ninguém do sexo oposto.

Dentro de poucos minutos, sere-mos instruídos pelo presidente da Igreja, um profeta de Deus. Presto testemunho de que ele é um profeta de Deus, e de que Deus realmente vive, e de que seu Filho Jesus Cristo é o Salvador do mundo que veio e deu sua vida, para que pudéssemos ser ressuscitados e gozar a imortalidade e a vida eterna. Somos conduzidos atualmente pelo Senhor por intermédio de um profeta de Deus, o presidente Spencer W. Kimball, com o qual é um grande privilégio, honra, e bênção trabalhar. Se o seguirmos, não poderemos perder-nos.

Possamos nós magnificar nosso Sacerdócio e gozar as bênçãos do Senhor, e como disse o presidente Romney: “Provar nossa integridade”, é o que rogo humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



Integridade

Os portadores do Sacerdócio têm a obrigação de ser homens de inabalável caráter moral.

Sábado, Sessão do Sacerdócio, 5 de outubro de 1974

Presidente Marion G. Romney

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Meus queridos irmãos do Sacerdócio, considero este convite para dizer-lhes algumas palavras como uma grande honra e responsabilidade. Confio em que o Senhor nos abençoará, enquanto lhes falo. Espero ter alguma coisa para dizer, que seja de ajuda tanto para o Sacerdócio Aarônico quanto para o de Melquisedeque.

Decidi falar algumas palavras acerca da integridade.

Uma das definições de integridade diz: "A qualidade ou estado de ser de princípios morais corretos; verticalidade, honestidade e sinceridade."

Distinguindo entre os sinônimos de integridade, honestidade, honra, probidade, e veracidade, o dicionário afirma que "integridade implica em incorruptível correção de caráter moral, especialmente conforme se manifesta no desempenho de encargos de confiança."

Não preciso ressaltar o fato de que o mundo atual está com desesperada necessidade de homens íntegros. A prova desta afirmativa pode ser lida em todas as publicações, ouvida em todos os rádios e vista e ouvida em todas as produções áudio-visuais.

Dêem-nos o homem de integridade," disse A. P. Stanley, "no qual saibamos que podemos confiar integralmente; que permanecerá firme quando outros fracassarem; o amigo, fiel e verdadeiro; o consultor, honesto e destemido; o adversário, justo e cavalheiresco; esse tal é um fragmento da Rocha das Eras."

Nossa própria civilização está em perigo. Se é que há de ser salva, isso terá que ser feito por homens de integridade.

Para a realização dessa tremenda tarefa, o Senhor tem chamado o seu Sacerdócio. Isto quer dizer você, e eu e todos os nossos companheiros portadores do Sacerdócio Aarônico e de Melquisedeque.

O Senhor tem-nos entregue a mais sagrada custódia dada a homens. Não podemos abandoná-lo. Precisamos ser rapazes e homens de integridade. Nossa exaltação depende de provarmos ao Senhor que sere-mos fiéis à custódia que colocou sobre nós, quaisquer que sejam os riscos, e sob todas as circunstâncias. (Ver History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 3:380.)

O profeta Joseph Smith ensinou que a integridade absoluta deve pre-

ceder a promessa de vida eterna. Disse ele:

"Depois que a pessoa tiver fé em Cristo, arrepender-se de seus pecados, for batizada para a remissão deles, e receber o Espírito Santo... então, que continue a humilhar-se diante de Deus com fome e sede de justiça, e vivendo de cada palavra de Deus, e em breve o Senhor lhe dirá: Filho, tu serás exaltado."

Essa promessa virá, entretanto, somente depois que "o Senhor o tiver provado inteiramente, e verificado que o homem está determinado a servi-lo a todo risco." (History of the Church, 3:380.)

Temos entre nossos líderes na Igreja, em todos os chamados do Sacerdócio, desde diáconos até apóstolos, exemplos de irmãos cuja atuação demonstra essa integridade.

O presidente Kimball, por exemplo, através dos anos, tem sido um modelo de integridade. Ninguém duvida que corresponderá à sagrada confiança que o Senhor depositou nele, mesmo sob perigo de vida.

O presidente Tanner, da mesma forma. Na realidade, sua atuação através das carreiras bem sucedidas de negócios e governo, tem sido tão

circunspecta e corajosa, que seus companheiros a ele se referem como o "Senhor Integridade".

Quero agora chamar a atenção para algumas circunstâncias em que este assunto de integridade aparece. Vai aqui uma narrativa, sobre a qual vocês, portadores do Sacerdócio Aarônico, devem pensar:

"Quatro rapazes santos dos últimos dias partiram de uma cidade de Utah para uma viagem através do país. Tinham economizado todo seu dinheiro durante o último ano de colégio para esse fim, e agora que a formatura havia terminado, colocaram suas malas no porta-malas do carro e disseram adeus aos preocupados pais e invejosos colegas. A travessia da divisa do Estado de Utah mereceu considerável celebração, quando penetraram em outro estado. Pararam à margem da auto-estrada e desceram para ver como se sentiriam em novo ambiente. Uma certa emoção de excitação foi percebida pelos jovens viajantes, e um senso de aventura levou-os a grandes especulações.

Tinham combinado enviar aos pais um cartão postal um dia sim um dia não, para mostrar onde se encontravam, e haviam prometido mandar um telegrama a cobrar, caso se metessem em dificuldade. Um dos rapazes comentou que seria verdadeiramente gostoso dirigirem-se por si mesmos, sem estarem obrigados a conseguir aprovação prévia de alguém para cada movimento que fizessem. Um outro sugeriu que deveriam agir como viajantes tarimbados, sem dar aos outros a impressão de caipiras na primeira viagem fora de casa. Como um adendo, esse mesmo rapaz sugeriu aos amigos que esquecessem tudo acerca de serem mórmons durante aquela aventura. Quando os outros jovens, intrigados, perguntaram por que, ele disse que agora podiam permitir-se não ser tão exigentes na obediência às leis de Deus, e provar algumas das emoções gozadas por outras pessoas que não eram da Igreja Mórmon. "De qualquer maneira", argumentou, "que diferença fará? Ninguém aqui fora no mundo nos conhece, nem se importa em nada com nossa filiação à Igreja.

A emoção da nova experiência



pesou no julgamento, e o grupo combinou de experimentar. Decidiram apresentar-se ao mundo como estudantes do Leste que tinham estado na escola em Utah por pouco tempo. A licença do carro tornava essa explicação necessária.

O anoitecer do primeiro dia da jornada encontrou-os num local famoso de atração turística, e tomaram providências para acampar perto dali. Após a refeição da tarde, reuniram-se no grande hotel para o divertimento noturno. Mal tinham chegado, e o cabeça do grupo sugeriu que comessem ali mesmo, e imediatamente, a experimentar as coisas que lhes tinham sido negadas por tanto tempo por pais e professores exigentes. A primeira coisa que lhes atraiu a vista foi um grande anúncio luminoso no fundo do salão. Lia-se nele: "Bar, cerveja, coquetéis." Achando que seria um passo moderado na direção de "pecar só um pouquinho", concordaram em ir ao bar e pedir um copo de cerveja para cada um. Havia um ar de nervosismo neles, quando entraram no bar vistosamente iluminado e observaram os balcões lotados de intrigantes garrafas de bebidas. O rapaz que tinha sido designado para fazer o pedido perdeu a voz na primeira tentativa e teve que engolir em seco para pronunciar apenas audivelmente: "Quatro copos de cerveja, por favor."

O que faltava em sabor na cerveja, a atmosfera e a emoção mais que supriam. Tornaram-se mais ousados e começaram a falar na próxima aventura que empreenderiam. A conversa começava a ficar animada,

quando, repentinamente, um senhor bem vestido entrou no bar e caminhou direto para a mesa deles. O aspecto da fisionomia do estranho, e o caminhar decidido com que se aproximava da mesa deixaram os rapazes completamente arrasados.

Quando o cavalheiro chegou à mesa em que se assentavam os rapazes, estendeu a mão a um deles e disse: "Desculpe-me, mas você não é filho de George Bedford, de Utah?" O jovem estava sem fala e aterrorizado. Os dedos gelaram, agarrados ao copo de cerveja, e a resposta veio vacilante: "Sim, senhor, eu sou." "Achei que o tinha reconhecido quando entrou no saguão do hotel," prosseguiu o estranho. "Eu sou Henry Paulsen, vice-presidente da companhia para a qual seu pai trabalha, e conheci você e sua mãe no inverno passado num jantar da companhia no Hotel Utah. Nunca me esqueci de como você explicou sobre seu Sacerdócio Mórmon a um dos outros executivos de nossa firma que lhe havia perguntado o que significa ser um rapaz mórmon. Devo dizer-lhe que fiquei um pouco surpreendido por vê-lo dirigir-se ao bar, mas suponho que entre os mórmons, tanto quanto ocorre com os não mórmons, os rapazes sempre se metem em travessuras, quando estão longe de casa."

Aqueles jovens tinham ouvido um sermão que jamais haveriam de ver repetido do púlpito. Sentiam-se perturbados, envergonhados e abatidos. Quando abandonaram seus copos de cerveja pela metade e atravessaram o saguão do hotel em retirada, tinham a sensação de que todos os

estavam observando. A escuridão os envolveu como uma bênção, quando se dirigiram para o acampamento. "Nunca se pode sair ganhando", disse o rapaz que havia proposto que ocultassem sua verdadeira identidade, tentando aliviar a tensão. "Não estou tão certo disso", replicou aquele que tinha sido abordado pelo estranho. "Se nos tiver sobrado algum juízo, poderemos fazer desta, a lição de vitória mais importante de nossa vida."

Eis aqui outra experiência, esta do presidente Joseph F. Smith, narrada pelo presidente Charles W. Nibley, sobre a qual vocês, jovens élderes, poderão meditar para seu benefício:

"Um outro incidente que ouvi relatar, "disse o irmão Nibley referindo-se ao presidente Joseph F. Smith, pai de nosso falecido presidente Joseph Fielding Smith, "que revela sua coragem e integridade, ocorreu quando ele retornava de missão das ilhas Sandwich, no Havaí, no outono de 1857. Retornou ele por Los Angeles, pelo caminho conhecido como a Rota do Sul, no ano em que o Exército de Johnston marchava sobre Utah, e naturalmente havia muita excitação e sentimentos de rancor acerca dos mórmons. Na parte sul da Califórnia, depois que o pequeno grupo de carroções tinha viajado uma pequena distância e parado para acampar, diversos anti-mórmons arruaceiros invadiram o acampamento a cavalo, amaldiçoando, ofendendo e ameaçando sobre o que fariam aos mórmons. Joseph F. estava um pouco afastado do acampamento, apanhando lenha para a fogueira, mas viu que os poucos membros de seu grupo se tinham ocultado das vistas entre os arbustos que margeavam um regato. Quando viu aquilo, segundo me contou" disse o irmão Nibley, "veio-lhe o pensamento: "Será que devo fugir desses indivíduos? Por que os haveria de temer?" Com isso, caminhou para a frente com os braços cheios de lenha para a fogueira do acampamento, onde um dos desordeiros, ainda com a pistola na mão e gritando e amaldiçoando os mórmons, dirigiu-se em voz alta a Joseph F.: "Você é mórmon?"

E a resposta veio direta: "Sim, senhor, um mórmon roxo, de quatro

costados, da cabeça aos pés."

Diante daquilo, o desordeiro tomou-o pela mão e disse:

"Muito bem, você é o _____

homem mais divertido que já encontrei! Toque aqui, companheiro, fico alegre de ver um homem que defende suas convicções." (Joseph F. Smith, **Presidentes da Igreja**, Departamento de Seminários e Institutos de Religião, Ed. Centro Editorial Brasileiro, pag. 59.)

Abraão Lincoln demonstrou sua grande integridade no famoso discurso da casa dividida. John Wesley Hill, em seu livro **Abraham Lincoln — Man of God**, diz: "Lincoln mostrou sua independência e tenacidade de propósito, quando escreveu seu discurso, aceitando a indicação para Senador dos Estados Unidos... Este é conhecido como o discurso da "Casa Dividida Contra Si Mesma", e incluía a declaração histórica de que a União não poderia existir "metade escrava e metade livre". A seu amigo Jesse K Dubois, Lincoln disse:

"Neguei-me a ler a passagem acerca da casa dividida contra si mesma para você, porque sabia que me pediria para alterar ou modificar, e estava decidido a não o fazer. Eu tinha desejado daquele jeito, e estava disposto, se necessário, a morrer com aquilo... Eu preferia ser derrotado com aquela expressão no discurso, a ser vitorioso sem ela," (**Abraham Lincoln — Man of God**, Nova Iorque e Londres: G. P. Putnam's Sons, 1927, p. 151.)

Foi necessária a coragem verdadeira para Lincoln deixar aquela sentença "metade escrava e metade livre" no discurso. Ele era ambicioso, e parecia que, através do Senado, é que passava o caminho para a presidência, mas o clima político da época não era propício à posição que tomou naquelas declarações. A probabilidade era de que a afirmativa significaria derrota nas eleições para o Senado, e foi o que realmente aconteceu. Lincoln sabia muito bem disso; a despeito de tudo, teve a integridade de agir em harmonia com suas convicções. Embora seu rumo lhe fechasse a porta do Senado, afortunadamente para o país, mais tarde abriu-lhe a porta da presidência.

O presidente J. Reuben Clark Jr. foi um homem de integridade seme-

lhante. Quando jovem, havia presidido por pouco tempo o Ramo Sul do Colégio Estadual Normal em Cedar City, Utah, e criou grande interesse por aquela instituição.

"Dois anos mais tarde... sua ajuda foi solicitada para dar ânimo aos membros do legislativo para o provimento de fundos que tinham sido requisitados pela instituição."

Respondendo por carta, ele "explicou com total franqueza e imparcialidade que não poderia dar apoio ao ... pedido de 100.000 dólares.

... Com franqueza e liberdade, disse ele, acredito que vocês estão pedindo demais...

... pensei muito, e cuidadosamente sobre o assunto, e não fui capaz de ver maneira de recomendar honestamente aos representantes, a quantia ... que pediram...

Se vocês dissessem que abandonam a idéia dos 100.000 e vão trabalhar por 54.000, poderiam contar com minha cooperação ativa até o limite de minha fraca capacidade; mas, se persistirem em pretender a quantia maior, logo veriam que seria melhor que eu me conservasse calado, e isso é o que prometo fazer."

A franqueza dessa carta tornar-se-ia uma característica distintiva da correspondência do presidente Clark, e da sua forma de tratar com os homens em toda sua longa carreira. Embora suas recomendações muitas vezes não contivessem o que os outros esperavam receber, ainda assim sua imparcialidade e completa honestidade contribuíram grandemente para que os homens confiassem nele, porque sabiam que podiam acreditar que ele diria o que realmente pensava." (David H. Yarn Jr. **Young Reuben**, Brigham Young University Press, Provo, Utah, págs. 113-14.)

Quão glorioso seria, homens do Sacerdócio, se todos nós possuíssemos a integridade de um presidente Kimball, um Nathan Eldon Tanner, um Joseph F. Smith, um Abraão Lincoln, ou um J. Reuben Clark Jr. O Senhor espera isso de nós, portadores do seu Sacerdócio.

Deus nos ajude, para que possamos pensar nesse grande valor da integridade, e viver vidas íntegras. Rogo humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



Como um Farol Sobre um Monte

Um chamado aos líderes para
treinarem os rapazes
do Sacerdócio Aarônico

Sábado, Sessão do Sacerdócio, 5 de outubro de 1974

Bispo H. Burke Peterson

Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

Tenho-me impressionado e maravilhado em meus contatos e observações com os rapazes do Sacerdócio Aarônico em toda a Igreja. Tenho verificado que existem sempre aqueles no meio de vocês, que possuem um senso de dedicação incomum, que fazem tudo o que for necessário para serem fiéis à confiança neles depositada como filhos de Deus, que fazem tudo o que for preciso para honrar e dignificar o nome de Deus, que fazem quaisquer sacrifícios que sejam necessários para serem o exemplo que devem ser, para agirem como deles se espera.

Conheci um jovem assim pouco tempo atrás, quando compareci a uma conferência de estaca no estrangeiro. Estávamos para terminar uma reunião de sábado à tarde com a presidência da estaca, quando alguém bateu à porta. O presidente abriu, e eu vi que lhe entregavam um envelope, no qual estava escrito o meu nome. A carta apresentava-me um rapaz que precisava ser entrevistado, a fim de ser aceito como missionário.

Assim que terminamos nossa reunião com a presidência da estaca, dispensei os irmãos e convidei o jovem a entrar. Seu aspecto inicial chocou-me. Não podia acreditar que estivesse sendo recomendado para servir como missionário. Suas roupas estavam amarrotadas, a barba por fazer, o jovem cheirava a fumo, e trazia na mão um livrinho em brochura. Que poderia ele oferecer no serviço do Mestre? pensei eu.

Foi então que as coisas aconteceram: ele dirigiu-se a mim e apertou-me a mão. Quando olhei em seus

olhos, fiquei eletrizado: ele era diferente; era especial, a despeito de sua aparência exterior. Quando nos assentamos, contou-me sua história. Antes de mais nada, desculpou-se por parecer desasseado e apressado. Explicou que acabara de descer de um ônibus depois de uma viagem de 13 horas desde sua casa, e se eu não me importasse, gostaria de voltar no próximo ônibus, dali a uma hora, para outra viagem de 13 horas em retorno.

Comecei então a combinar os fragmentos de informação que tinha a respeito dele. Agora eu sabia por que suas roupas estavam amarrotadas e a barba por fazer. Sabia que o cheiro de fumo não se devia à preferência sua, mas ao confinamento dentro do ônibus. Observei mais uma coisa: a brochura em sua mão era um Livro de Mórmon muito lido, muito manuseado, alguma coisa de valor inestimável. Prossequindo, ele disse que três anos antes se havia filiado à Igreja, em consequência do convívio com nossos jovens. Disse que eles eram diferentes. Os pais do rapaz tinham-lhe dado a permissão que desejava, mas advertiram-no de que, se o fizesse, não teria mais lugar naquela casa. Não poderia mais viver com eles como filho.

Quando ele foi batizado, o pai cumpriu a palavra, mostrando-lhe a porta e dizendo-lhe que não retornasse. O jovem partira, passando a viver com amigos. Contou-me que nos últimos três anos tinha estado trabalhando e estudando, e disse-me que havia economizado mais de 2.000 dólares para manter-se numa missão. Se ele pudesse ir, disse-me: era isso que de-

sejava mais que qualquer coisa no mundo. A sugestão do Espírito disse sim, e ele atualmente faz parte do exército de 18.000 valentes que cobrem a terra como servos do Mestre.

Sim, existem aqueles dentre vocês, que não arranjam desculpas para deixar de fazer o que um portador do Sacerdócio de Deus deve fazer. Há os que descobrem maneiras de fazer o que é certo e o que deles se espera, a despeito de outros ao seu redor, que procuram desviá-los do caminho reto. Existem aqueles que são amigos de vocês, e que encontram jeito para sair em missão, porque isso é o certo.

Os estudos já começaram para quase todos vocês. Infelizmente, existem alguns dentre vocês que, neste ano letivo, acharão mais fácil acompanhar a multidão, **mesmo que a multidão esteja errada**. Há alguns que não entendem que **não existe maneira certa** de fazer alguma coisa que seja errada.

Meus jovens irmãos, nós todos fazemos parte de uma grande batalha que está cobrindo a face da terra: um conflito entre os Irmãos do Sacerdócio e as legiões de Satanás. É uma batalha bem real. Muitos são feridos, e morrem espiritualmente a cada dia. A lista das perdas dentre os nossos é tremendamente trágica. É interessante notar nesta batalha que os fortes sempre sobrevivem.

Vocês sabem que não é difícil reconhecer um verdadeiro lutador pelo Sacerdócio. Vocês os encontram em todos os lugares. Ele é o que diz não, quando outros dizem sim ao cinema aos domingos, aos filmes sujos em qualquer ocasião (ele sabe que não

deve cair nessa tentação). Ele é o que diz não aos livros, revistas, fotografias ou histórias imorais a qualquer hora. Ele diz não às pescarias, à natação, e a andar de barco aos domingos. Ele é o que diz não, quando outros dizem: "Experimente um só", com referência   cerveja ou ao cigarro, mesmo que seja um só. Esse guerreiro corajoso   também o que diz sim, quando outros dizem não   reunião do Sacerdócio no domingo de manhã,   reunião sacramental, ao pagamento do dízimo, às orações diárias, às aulas de seminário ou instituto. Esse rapaz valente é o que diz sim, quando outros dizem não a uma missão.

  lamentável, mas vocês também encontrarão em muitas situações a cada dia aqueles que estão ajudando a Satanás em seu feroz trabalho de destruição, e vocês podem reconhecê-los também facilmente: eles mostrarão falta de coragem; mostrarão falta de espinha dorsal, quando chega a hora de dizer não a alguma coisa que não   correta.

Recentemente, na realidade foi na última primavera, ao findar-se o ano escolar, houve uma formatura de colégio numa comunidade aqui do Oeste dos Estados Unidos. Diversas festas apropriadas foram planejadas para os formandos. Entretanto, houve uma festinha condenável que se insinuou no programa. Foi ru m. Diversos espetáculos de natureza abjeta foram planejados numa residência local. Desconhecendo o tipo dos filmes antecipadamente, um grupo de jovens santos dos últimos dias inocentemente foi àquela casa para a festa. Assim que o filme começou a rodar, e sua mensagem vulgar chegou à tela, parte dos jovens santos dos últimos dias levantou-se e saiu, enquanto outros do mesmo grupo permaneceram na casa.

Do lado de fora, os poucos que se estavam retirando encontraram alguns de seus amigos que acabavam de chegar, e disseram-lhes da natureza do espetáculo, recomendando que não entrassem. Parte desse grupo então voltou também; contudo uns poucos dentre os fracos, entraram na casa, para terem l  suas mentes saturadas e poluídas pelo poder de Satanás. Sim, há aqueles que fazem qualquer coisa que precisem

para andar retamente diante do Senhor. Há os que realmente acreditam que a posse do Sacerdócio   especial e importante: algo que realmente vale ser honrado.

Quero dizer-lhes, irmãos, que vale a pena fazer qualquer coisa que devamos para obter a aprovação do Senhor, e eu digo isto sabendo que não   fácil ser objeto de brincadeiras e de risotas, quando fazemos o que é correto. Muitas vezes não é a coisa que nos vai popularizar, caminhar-mos contra a multidão, ou fazermos as coisas de maneira diferente de um ou dois amigos. Que o Senhor os abençoe e fortaleça, jovens irmãos, quando enfrentarem esse desafio.

Quero dizer também a vocês, que são membros de bispados e presidências de ramos, que existem alguns dentre vocês que **realmente acreditam** que, fora do cuidado com a própria família, sua maior responsabilidade e a mais importante é para com o Sacerdócio Aarônico. Irmãos, existem aqueles dentre vocês que não arranjam desculpas para não fazerem o que devem, e que encontram meios de despender seu melhor tempo no serviço da Igreja com a gente jovem de sua ala ou ramo. Vocês perceberão, como nós percebemos, em virtude do envolvimento pessoal deles, que os seus jovens têm um espírito muito especial, uma vivacidade espiritual, e uma força que facilmente se compar r  com os 2.000 rapazes amonitas, filhos de Helam . Nós os vemos freqüentemente nas diversas estacas da Igreja a cada fim de semana.

Vocês encontrarão esses grandes irmãos dos bispados em todos os lugares também, e os reconhecerão como irmãos que compreendem sua mordomia, porque eles são os que estão deixando que os líderes dos quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque funcionem em seus chamados como líderes, permitindo que tomem a iniciativa, enviando os irmãos do Sacerdócio a todos os lares. Chamamos a isso ensino familiar: o Sacerdócio em ação.

Vocês os reconhecerão, porque estão deixando que o Senhor escolha as presidências dos quoruns do Sacerdócio Aarônico. Esses bispados estudaram e compreenderam a seção



nove de Doutrina e Convênios. Depois de cuidadosa consideração, eles apresentam os nomes dos oficiais do quorum ao Senhor para sua aprovação, **antes** de falarem aos pais ou ao jovem.

Esses grandes irmãos são os que fazem o chamado para a presidência do quorum aos jovens de uma forma dignificada, nunca por telefone, ou no corredor, ou na porta de entrada, mas no escritório do bispado, e por intermédio da presidência do Sacerdócio Aarônico da ala.

Vocês sabem, esse tipo de bispado tem a visão do que as presidências de quoruns do Sacerdócio Aarônico adequadamente chamadas e treinadas podem significar na vida do rapaz e para o futuro da Igreja. Pensem nisso, irmãos, uma nova geração de líderes do Sacerdócio de Melquisedeque em dez ou vinte anos, que estão sendo ensinados adequadamente nos princípios do Sacerdócio, agora, por seus oficiais presidentes, os membros do bispado da ala.

Vocês reconhecerão facilmente esses bispados, porque eles são os que estão treinando realmente esses rapazes a escolher toda a semana, os princípios adequados do Sacerdócio.

Eles estão sempre nas reuniões dos quoruns do Sacerdócio Aarônico aos domingos, junto aos rapazes. Esse bispado será visto chamando os presidentes dos quoruns do Sacerdócio Aarônico de "presidente" durante o tempo da reunião do Sacerdócio.

Sim, vocês poderão descobrir imediatamente o bispado que sabe que **sua principal responsabilidade recebida do Senhor** é para com o Sacerdócio Aarônico, sem exceções. Eles sabem que outras coisas podem não chegar a ser feitas, mas o trabalho do Sacerdócio Aarônico e das Moças não pode sofrer, e não pode falhar. Eles sabem que um dia terão que responder perante o Senhor por essa sagrada custódia e mordomia.

Irmãos, vocês também poderão reconhecer o presidente de estaca que sabe o que significa ser líder do Comitê do Sacerdócio Aarônico da estaca. É interessante observar as ações dele também. Ele não desobriga seu conselheiro ou membros do sumo-conselho de seus esforços, quando assume a liderança desse comitê, mas em vez disso, ele agora toma um interesse mais pessoal no trabalho do comitê. Ele se aviva não somente com interesse, mas com envolvimento no programa do Sacerdócio Aarônico de sua estaca, quando junta as mãos com os outros grandes irmãos do comitê da estaca.

Ele é o presidente de estaca que sabe que os líderes de quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque e os

líderes dos quoruns do Sacerdócio Aarônico precisam juntar seus esforços trabalhando unidos, para ajudar os pais com seus filhos. Ele sabe que um presidente de quorum de élderes, um presidente de quorum de diáconos e um pai, adequadamente treinados e motivados, podem tornar-se uma combinação invencível na batalha com Satanás pela vida de um garoto.

Esse presidente de estaca sabe que as moças são tão importantes para serem salvas quanto os rapazes. Por essa razão e muitas outras, ele faz com que a diretora das moças da estaca saiba que tem acesso direto a ele, uma vez que ele é o seu superior imediato no trabalho das moças.

Irmãos, há maneiras de se fazer melhor o que estamos fazendo, e de ser melhor do que somos. O Sacerdócio que portamos como jovens ou como homens maduros é a autoridade para realizar nossos deveres da mesma forma como o Senhor o faria, se tivesse nossa responsabilidade individual. Nossa autoridade é limitada a fazer do modo como ele faria: de ser o tipo de presidente de diáconos que o Mestre seria; de ser o tipo de mestre que ele seria; como sacerdote, de preparar-se para uma missão como ele o faria; de lutar por ser o tipo de presidente de quorum de élderes, bispo ou conselheiro ou presidente de estaca que o Salvador seria, se tivesse aquele ofício,

chamado e responsabilidade.

Ou, mais importante de tudo, nosso Sacerdócio é a autoridade para sermos o tipo de pai, filho, ou irmão que o Salvador seria, se estivesse em nossa família.

Irmãos, nosso sucesso no Sacerdócio depende do modelo de nossa vida. Quando aprendemos a ser dirigidos pelo Espírito, então a autoridade do Sacerdócio que temos torna-se poder do Sacerdócio, o poder para mudar vidas para melhor, de fazer com que ocorram milagres nas vidas dos meninos, meninas, pais e mães.

Em um mundo em conflito e perturbação, haverá gigantes entre os homens. Haverá pacificadores. Haverá os que acalmam águas turbulentas. Haverá aqueles cujo padrão de vida será como um farol sobre um monte, como um luzeiro numa tempestade. Haverá aqueles para quem os demais olharão em busca de força e diretriz. Você pode ser aquele raio de esperança para os que o rodeiam, especialmente para os seus.

Lembrem-se de que a luz mais brilhante e o sinal mais claro provêm do instrumento mais limpo. Que o Senhor nos guie e fortaleça, enquanto purificamos e limpamos nossas vidas. Presto meu testemunho a vocês, irmãos, de que sei que Deus vive. Eu sei que ele está nos céus, e rogo que nos abençoe, quando honramos o Sacerdócio que nos dá, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Novas Presidências Designadas para a Sociedade de Socorro e Primária

Depois de muitos anos de dedicado serviço, as presidências gerais da Sociedade de Socorro e da Associação Primária foram desobrigadas. A irmã Belle S. Spafford e suas conselheiras, Marianne Clark Sharp e Louise Wallace Madsen, foram desobrigadas na Conferência da Sociedade de Socorro, de 3 de outubro de 1974. Durante

a sessão do dia 5 de outubro, da Conferência Geral Semi-Anual, a irmã Lavern Watts Parmley, presidente geral da Associação Primária, e suas conselheiras Naomi Ward Randall e Florence Recce Lane foram desobrigadas.

Os membros das juntas gerais da Sociedade de Socorro e da Primária também foram desobrigados e apoia-

dos novos membros.

A irmã Spafford, que serviu como presidente geral da Sociedade de Socorro desde 1945, disse: "Quando observo minha própria vida em retrospecto, a magnitude de meu débito para com a Sociedade de Socorro é esmagadora. Rica em oportunidades, ampla em experiência, abundante em bênçãos, sinto-me humilde por ter-me o Senhor assim favorecido."

A irmã Barbara Bradshaw Smith foi apoiada como presidente geral da Sociedade de Socorro, com Janath Russell Cannon como conselheira educacional, e Marian Richards Boyer como conselheira de economia doméstica.

A desobrigação da irmã Parmley coroou mais de 23 anos de serviços. Ela fora chamada para a junta geral em 1941 e um ano depois tornou-se conselheira na presidência geral, em 1943, e presidente em 1951.

A nova presidente geral desta organização mundial de crianças, com mais de 471.000 meninos e meninas, entre os 3 e os 12 anos, é a irmã Naomi Maxfield Shumway. A irmã Shumway escolheu como conselheiras Sara Broadbent Paulsen, e Colleen Bushman Lemmon.

A nova presidente geral da Sociedade de Socorro, irmã Smith, acentuou que essa organização é para toda mulher casada, e toda irmã solteira com 18 anos ou mais.

Desde março de 1971, ela tem sido membro da Junta Geral da Sociedade de Socorro. Anteriormente, havia servido como presidente da Sociedade de Socorro de sua ala, como membro de uma junta de Sociedade de Socorro de estaca, e durante uma vida de serviço, havia recebido chamados na Escola Dominical Primária e AMMM.

A irmã Smith nasceu na Cidade do Lago Salgado, a 26 de janeiro de 1922, e é filha de Don Delos e Dorothy Helen Mills Bradshaw.

Casou-se com Douglas H. Smith a 16 de junho de 1941, no templo de Lago Salgado. No momento, o irmão Smith é Representante Regional dos Doze, e anteriormente foi bispo e presidente de estaca. O casal tem sete filhos.

"Eu havia passado o dia trabalhando na Sociedade de Socorro, quando recebi um chamado do presidente Kimball, perguntando se poderia ter uma conversa comigo juntamente com meu marido. Quando ele chegou, não perdeu tempo: 'Vim para chamá-la como presidente geral da Sociedade de Socorro', disse. Aceitei, porque faço as coisas que o Senhor me chama para fazer", relatou a irmã Smith.

Pagando tributo à irmã Spafford, a irmã Smith disse: "Tenho tido reuniões de várias horas com a irmã Spafford, desde que fui chamada. Ela é maravilhosa, e penso que os membros da Igreja percebem sua grandeza como líder de mulheres. Ela deu à Sociedade de Socorro uma posição de preeminência no mundo.

Acho que as mulheres da Igreja são duplamente abençoadas, tendo as grandes verdades do Evangelho existentes na Igreja, e a Sociedade de Socorro para ajudá-las a crescer e magnificar seus talentos recebidos do Senhor."

A irmã Cannon, nova conselheira educacional, também tem tido uma ativa vida de serviço na Igreja. Retornou recentemente à Cidade do Lago Salgado com o esposo, Edwin Q. Cannon Jr, que presidia a Missão Suíça. A irmã tem trabalhado como professora, e é escritora, além de cantar no Coro

do Tabernáculo. Disse ela: “Existe sempre uma necessidade na Igreja de educação espiritual. A Sociedade de Socorro pode ajudar as mães e mulheres da Igreja a verem-se a si mesmas como filhas de Deus. Elas têm capacidade ilimitada de aprender as coisas divinas.” A irmã Boyer, nova conselheira de economia doméstica na presidência geral, disse que a Sociedade de Socorro “trouxe-me algumas de minhas experiências mais doces. Aprecio o sentimento de fraternidade, e sei que existe alegria em criarmos coisas com nossas próprias mãos”.

Por vários anos, a irmã Boyer foi líder do comitê encarregado da mostra anual de economia doméstica que faz parte da conferência geral. Prestou grande serviço à Sociedade de Socorro como líder de economia doméstica em presidências de ala e estaca. Foi presidente da Sociedade de Socorro da Estaca de Monument Park, antes de ser chamada para a junta geral, em 1969.

A irmã Boyer é filha do élder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze, e da irmã Ina Ashtōn Richards, e nasceu na Cidade do Lago Salgado, a 31 de dezembro de 1912. Quando criança, foi com os pais para a Holanda, onde presidiram a Missão Neerlandesa. Casou-se com Harold R. Boyer, em 19 de dezembro de 1931. O marido é Representante Regional dos Doze, e o casal tem cinco filhos.

“O propósito da Primária é ensinar as crianças a orarem e a andar retamente diante do Senhor”, disse a irmã Shumway, nova presidente geral daquela organização. “Temos esperança de poder fortalecer as crianças em todo o mundo. A Primária pode ser uma coisa importante na vida das crianças. Elas precisam saber que são amadas e

necessárias. Precisam saber que têm um Pai Celestial que as ama. É para isso que existe a Primária.”

A irmã Shumway vem servindo na junta geral da Primária desde 1963. Foi líder do Comitê de Treinamento em Serviço, do Comitê de Conferência de Estaca, e do Comitê dos Luzeiros.

Ocupava o cargo de presidente da Primária da estaca, quando foi chamada para a junta geral, e tem tido larga experiência nas auxiliares da Igreja.

“Lembro-me da Primária como uma época especial em minha vida. Reconheço a influência de uma boa professora”, disse ela.

A irmã Shumway nasceu a 3 de outubro de 1922, em Provo, Utah, e seus pais são Albert E. e Orilla Brown Maxfield. Casou-se em 8 de março de 1945, no templo de Lago Salgado, com Roden Grant Shumway, que atualmente serve como membro do Sumo Conselho de sua estaca. O casal tem três filhos.

A irmã Paulsen, primeira conselheira na presidência da Primária, é membro da junta geral desde 1969. Sua designação tem sido com o comitê de Luzeiros. Antes disso, foi presidente da Primária da estaca, e serviu em posições na sua ala. Serviu também na Escola Dominical, AMMM e Sociedade de Socorro. Casou-se com Finn B. Paulsen a 26 de junho de 1945, no templo de Lago Salgado. O casal tem cinco filhos. O irmão Paulsen presidiu a Missão Brasileira do Sul, de 1961 a 1964, e ultimamente vem servindo como Representante Regional dos Doze. “A Primária é um dos lugares do mundo em que uma criança pode ser alguém. Há alguém que cuida delas,” comentou ela.

A irmã Lemmon, nova segunda

conselheira na presidência da Primária, vem servindo na junta geral há três anos. "Sinto a influência mundial que exercem as crianças da Primária da Igreja. A Primária significa preparação das crianças para o batismo, e dos meninos para o sacerdócio. Penso que devemos fortalecer-lhes a fé, para que possam tomar decisões adequadas por si mesmos", disse ela.

Casou-se a 16 de junho de 1945, com George Van Lemmon, e o casamento foi solenizado no ano seguinte no templo de Mesa. Seu marido foi presidente de estaca por duas vezes, no Novo México. A irmã Lemmon tem prestado vasto serviço à Igreja, nas auxiliares, tanto quanto em organizações de serviço e da comunidade. O casal tem quatro filhos.



Foto da esquerda: da esquerda para a direita: Senhora Jonath Russell Cannon, Senhora Barbara Bradshaw Smith e Senhora Marian Richards Boyer, constituindo a nova presidência da Sociedade de Socorro.



Belle S. Spafford



Foto à esquerda: da esquerda para a direita: Senhora Sara B. Paulsen, Senhora Naomi Maxfield Shunnway e Senhora Colleen Bushman Lennon, constituindo a nova presidência da Primária.



Senhora La Vern W. Parmley, ex-presidente da Primária

